



Abecedário de Aula

Jailza dos Santos Martins

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
REDE DE PESQUISA ESCRILEITURAS DA DIFERENÇA
EM FILOSOFIA-EDUCAÇÃO

JAILZA DOS SANTOS MARTINS

Abecedário de Aula

Porto Alegre
2019

JAILZA DOS SANTOS MARTINS

Abecedário de Aula

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Mara Corazza

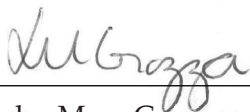
Linha de pesquisa: Filosofias da Diferença e Educação

Porto Alegre
2019

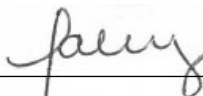
JAILZA DOS SANTOS MARTINS

Abecedário de Aula

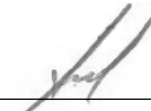
Dissertação defendida e aprovada como requisito parcial
a obtenção do título de Mestre em Educação pela banca exa-
minadora constituída por:



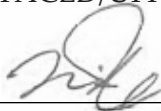
Prof.^a Dra. Sandra Mara Corazza – Orientadora
FACED/UFRGS



Prof.^a Dra. Fabiane Olegário
UNIVATES



Prof. Dr. Samuel Edmundo Bello
FACED/UFRGS



Prof.^a. Dra. Maria Idalina Krause de Campos
UFRGS

Porto Alegre
2019

AGRADECIMENTOS

À Sandra Mara Corazza por todo estímulo de leitura e escrita em seus seminários anteriores à orientação e, principalmente, pelo árduo caminho com esta orientanda. Rigidez necessária, carinhos mínimos e nos momentos corretos; confiança partilhada. Música, comida, bebidas, bate-papos cotidianos e poucos frequentes. Todos os cafés e livros, até feira comunista.

À banca de qualificação que foi ímpar em aceitar a proposta e pontuar as necessárias mudanças para o trabalho final: Samuel Bello, Idalina Krause e Fabiane Olegário.

Ao Bando de Orientação e Pesquisa, sempre solidários nas partilhas de seus artigos e leitura atenta a mim; compreensão demasiada: Samira Abdalah, Luiz Daniel Rodrigues Dinarte, Carolina Sperb, Karen Nodari, Fabiano Neu, Marina Reis, Polyana Olini.

Aos adoradores de Medusa que partilharam palestras, encontros e trocas entre espaço de quilômetros ausentes nas letras.

Aos que me criaram e me moldaram nesta forja, meus pais, Anna e Jair. À minha cópia monstruosa, Anna Carolina, e ao último apêndice que me faltava, um aguerrido e corajoso, obrigada Osmar — taurino que compreende a fera escorpiana.

Aos meus eternos amados João e Helena, a titia será mais presente.

Mas principalmente ao PPGEDU/FACED/UFRGS, que confiou em todos os pedidos solicitados por uma aluna difusa.

“Há sonhos que devem permanecer nas gavetas, nos cofres, trancados até o nosso fim. E por isso passíveis de serem sonhados a vida inteira” (HILST, 2006, p. 27).

RESUMO

Um Abecedário de Aula: filosófico, na perspectiva da diferença em educação. Feito com matérias vividas, imperceptíveis, ou não pensadas como Aula. Em um composto labiríntico, feito da junção de verbetes retirados dos arquivos docentes, presentes nos dez *Cadernos de Notas* da *Coleção Escreleituras*. Labirinto de pensamentos, feitos duplos, leituras-escritas, um ato despretenhoso, de um Auleio. Relações intelectuais do ponto que a Aula se ergue. Reverberação ímpar, leitura de um olho pelas escritas de vários; um grupo de pesquisa, lido, traduzido, escreleiturado. Posição discente, arquivos que caminham, criando outros carreiros, provocação da partida ao que será percorrido. Leitura e escritura construíram este texto, derivação da coletividade já produzida, novas escreleituras.

Palavras-chave: Abecedário. Aula. Filosofia da Diferença. Educação. Escreleituras.

ABSTRACT

A Class Alphabet: philosophical, in the perspective of difference in education. Made with lived subjects, imperceptible, or not thought as a Class. In a labyrinthine compound, made from the junction of entries extracted from the teaching files, present in the ten Notebooks of the Writreadings Collection. Labyrinth of thoughts, double feats, read-writings, an unpretentious act, of an *Auleio*. Intellectual relations of the point that the Class rises. Unpaired reverberation, reading an eye by the writings of several; a research group, read, translate, and writread. Position student, archives that walk, creating other paths, provocation of the departure to which will be traveled. Reading and writing have constructed this text, derivation of the collective already produced, new writreadings.

Palavras-chave: Alphabet. Class. Philosophy of Difference. Education. Writreadings.

SUMÁRIO

A presentação do Instante.....	09
B reve ABC de Aula.....	24
C omo.....	27
D eglutição.....	29
E stúpida.....	32
F ugaz.....	34
G rotesca.....	38
H á.....	39
I ntervalo.....	42
J á-ir.....	44
L ânguida.....	46
M arejar.....	48
N em.....	50
O perar.....	52
P é.....	55
Q uerer.....	57
R astelar.....	61
S uperar.....	64
T empo.....	66
U m.....	72
V ê.....	74
X ereta.....	76
Z unir.....	78
Assim, em impetuosa obscuridade, últim(a)ções.....	81
Referências.....	87



PRESENTAÇÃO DO INSTANTE em que nos

decidimos pela escrita. Reverberam nossas paixões entre os que estão a ler o texto; nos fragmenta por pensarmos naquilo que lemos, anotamos, grifamos, gritamos, pensamos, desejamos, lembramos, entre plágios, bate-papos, sonhos, *déjà-vu*. Instante obscurecido por nuvens nefastas de granizos, pois somente chuvas não causam furor, são necessárias tempestades e nelas devemos buscar algo que nos fascine, que provoque hiperfagia, motivos que nos levem a escrever, respirar, amar aquilo que é e o lugar que estamos.

Amar os ventos, as torrentes, as tempestades, os raios e trovões, é o mesmo que amar o movimento das energias, é esperar algo das mudanças, do novo verde que levanta, do azul que esmaece, do cinza que se torna céu, das gotas presas nos ferros, da corrente que segue rumo ao bueiro, desse caminho líquido e curto, entre o meio-fio e a estrada, às vezes entrecruzados por labirintos particulares.

Somos as diversas ondas que nos chegam, pois cada um é afetado de forma diferente pelo que escreve e lê. Ondas duvidosas, ondas angustiadas e ondas que se esvaem como espuma na areia. Essas ondas, que trazem diversas expectativas e que serão as primeiras a provocar caldos e tombos, tornam-se particulares e não são responsabilidade do texto. O autor também tem as suas ondas e sabe o que pode ou não acontecer, que pode tornar-se qualquer coisa.

Às vezes, o mesmo aspecto no instante de escrever/ escrever-se não nos afeta. As travessas e travessias que vão se compondo, os limiares e limites de cada sujeito, o ser docente e a forma docente, as tristezas e alegrias, os acertos e erros (CORAZZA, 2008¹), tornam-se carimbos, rótulos sobre o que se deve, e não necessariamente sobre o que se é, ou no que nos transformamos; diversas traduções de si, pois

A partir desse indivíduo dado, que tem primazia sobre qualquer outro, buscamos, então, remontar as condições da sua existência. Dessa maneira, enfocamos somente aquilo que constitui a individualidade de um ser já individuado, por acreditar que o indivíduo se segue à individuação e por colocar o princípio de individuação antes, além e acima da própria operação de individuar. Espalhamos, assim, a individuação por toda parte, tornando-a co-extensiva ao ser, e a transformamos não somente no primeiro momento do ser fora do conceito, mas em todo o ser (CORAZZA, p. 12, 2009).

Modulamo-nos a cada encontro esperado e inesperado, tornamo-nos mutantes mutáveis, invariáveis variantes. Mutantes são as formas a desenvolver constantemente, intensamente, assim como todas as faces que podemos vir a apresentar em determinado ato de escrita. Escrita bela da fera, de uma beleza que não é a mais perfeita, mas a mais intensa, viral, em devir. Às vezes percebemos outro sentido, o sexto, e não a razão óbvia. “Nietzsche nos pergunta se a vida que vivemos é a vida que escolheríamos viver eternamente e chamou esta ideia de ‘eterno devir’” (NETMUNDI.ORG, 2019), este devir que nos seja em nossa individuação. Yalom (2016) aborda essa ideia do eterno devir de Nietzsche e acrescenta, ao modo de Zaratustra: complete sua vida, morra na

1 Currículo, Diferença e Identidade, no IV Colóquio Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares, UFSC, Florianópolis, 2008.

hora certa. Assim, se o devir é eterno, estamos entre devir e a devir eternamente. Como sair dessa onda turbulenta? Como um *rafting*² em corredeiras, com níveis altos de dificuldades, ou mesmo nos mais simples, nos quais aqueles que possuem medo da água estarão agonizados. No entanto, aqueles que fazem da vida uma aventura desejam as ondas de níveis mais alto, sem a preocupação com o tombar na água. Enfim, este também é o propósito: manter-se dentro do bote e evitar que vire. No entanto, não só em braços compostos, de grupo, que em comum acordo decidem entrar no mesmo bote, no mesmo rio e enfrentar lado a lado os respingos que podem molhar a todos, ainda que só um erre a remada e gire pelo lado inverso do timoneiro, que grita em suas costas; aquele que conhece as estratégias da descida do rio.

Aquino e Corazza (2009), Campos (2013), Valéry (2009), Deleuze e Parnet (2019) e seus abecedários foram o primeiro passo para pensar um abecedário da Aula, ou, como apresentou Haroldo de Campos (2103), com suas transcrições, sua poesia da tradução, o manter original pela transtradução, sendo assim transcriador e multiplicador de tanta originalidade que, furtivamente, usamos e praticamos em nossos textos. Um poeta ímpar e também tradutor, que em sua transluciferação faz vir vida, uma recriação, um novo fazer pela estética, que tem suas bases na informação estética, do filósofo alemão Max Bense. Como Haroldo de Campos (2013, p. 5, grifo do autor) diz: “tradução de textos criativos será sempre *recriação*, ou criação paralela, autônoma porém recíproca”.

Assim surgem os Cadernos de Notas, uma construção de pensamentos que articulam fio a fio, teias e textos, encontrando outros, que geraram seus escritos, e compondo a Coleção Escriteiras.

Esse instante, essa insana busca pelo fazer ao modo *corazziano* (apaixonado e categórico pelo devir, fluxo perma-

2 Esporte praticado em botes infláveis em rios de corredeiras.

nente, movimento ininterrupto, atuante lei geral do universo) que dissolve e cria, transformando as realidades existentes, como um útero compartilhado. Essa é sua arma, entre bolas de fogo, mares revoltos e salinas perdidas no horizonte, como o próprio Mar Morto.

Uma posição de política educacional, uma leitura do passado com perspectiva nova, não da demolição, mas do descobrir, arriscar perde-se, arriscar desaparecer, como aquele passado que não é capaz de responder uma pergunta com uma resposta. Um projeto construído por várias mãos, *Escrileituras*, gerador dos *Cadernos de Notas*, que num instante torna-se mais do que linhas e folhas, torna-se também um disparador de cenários que:

Pensam a Educação com e na vida, o Projeto 'Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida' encontra potência no ato de criação textual. Um plano de imanência do pensamento (deste mundo) e pretensiosamente alargada na possibilidade da invenção de outros fazeres. Nesse sentido, torna-se corpo e produz matéria de pesquisa na prática operatória de suas oficinas: oficinas de *escrileituras*, *lócus de produção*" (DALAROSA, 2011, p. 15).

Nessas oficinas de Ler-Escrever em meio à vida — *Escrileitura*: escrita e leitura — nunca estamos sem ela, a vida, desde a concepção até o derradeiro fim (se houver o fim). Ler, copiosamente, leituras a serem trazidas da folha à mudança transcriadora, não mediática, produtora de deslocamentos. Escrever, quando temos prazer, e uma pitada de ego, as características intrínsecas daquilo que se individua em meio a um bando. Talvez apenas isso, um desejo de ser algo que não pode ser guardado, mas disseminado.

A escrita dali gerada traz outros modos de vir a pensar, devires, fachadas filosóficas grafitadas, aquelas rebeldes camadas escravas (NIETZSCHE, 2005) que deglutem e reer-

guem egos, não dos queixumes e pseudocoitadismos, mas de novos homens, nova pisada, postura ereta, seja após o pedido de um prato de comida ou de um trocado no semáforo. Esses são os demasiadamente humanos, seres livres do outro, julgados socialmente, libertos de ego, escravos de seus delírios.

É com a vista de Deleuze, em viajar entre leituras que despertam prazeres mais vívidos que a própria estrada não percorrida, sem passagem de destino ou número de poltrona, vã vida. Mas um texto que se constitui por esforços densos de sentidos, formas de construção, por tudo que nos afeiçoa de primeiro momento, sem uma terminalidade. O efêmero, aqui possa se dizer, que após a vida seja esta escritura, escrileitura, pós-leitura e nova reescritura, uma forma de ler e escrever.

O projeto *Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida*, vigente de janeiro de 2011 a dezembro de 2014 tornou-se, no meu percurso, uma trama de linhas como rizomas estruturais, não em uma repetição de conteúdo, mas de processos do mundo sobre a teoria, diferenciando o dito e o vivido e impulsionando os desejos. Um projeto que gera vida entre passado, presente e futuro. Uma conjugação verbal que varia do imperfeito ao mais-que-perfeito, conectando e dinamizando novos fazeres de Aula, dando a ela sua liberdade tradutória, cabendo aos corpos determinarem seus espaços de pisada, e um ponto de alegria e tristeza do que se faz, um receber e dar a ver, pela forma que o outro também dá a batida pela qual foi pego, gerando outra, sua.

Essa maquinação, seu procedimento, diálogo entre currículo e didática, dobras e redobras, fractais inúmeros, produzidos pelo inédito da forma de escrita, como o olhar pela arte, sem erros ou acertos, morais ou imorais, mas provocadores de outros pensares, fazeres, viveres, faz com que surja o instante desta escrita. Assim como questionado por Adó (2015) no prólogo do Caderno de Notas 7, da Coleção *Escrileituras*: seria na macieira ou na figueira que a serpente

se entrelaça? Seria a maçã ou o figo a fruta proibida? Se fosse a maçã, por que Adão e Eva cobrem suas partes com folhas de figueiras ao deixarem o paraíso? Diz Adó que seria uma referência ao judaísmo, feita por Michelangelo, assim como o dorso da árvore masculinizado pela mulher serpente entrelaçada.

Como diz Corazza (2018, p. 20):

Esta é a facticidade da docência do *Projeto Escriteiras*: pegar o projeto andando, sem saber para onde iria, mas pegá-lo, como caminho que caminhava sozinho e que ia conosco, nele, abrindo-o.

Isso é o importante: um fazer de outro modo, um fazer que nos torna outros, um questionar sobre como melhor fazer o que sempre se fez e nunca se parou para pensar a respeito, como um receituário, manual de uso, sem possibilidade de troca de *dial*. No entanto, a Escriteira destrava, destranca, abre a caixa do possível e assim surge o escritor-tradutor de si, do outro, do todo. Acheça-se aqui, lá, acolá, e assim se inicia o escrever e o escrever-se. Escriteiras das quais se originam textos, ou a própria vida do escritor. Um processo de múltiplos braços, com diferentes origens, sabores e odores, que está assim distribuído:

- Caderno de Notas 1 (CNT1) – Projeto, notas & ressonâncias. (Org.) Ester Maria Dreher Heuser, Ed. UFMT, 2011.

- Caderno de Notas 2 (CNT2) – Rastros de Escriteira. (Org.) Silas Borges Monteiro, Ed. UFRGS, 2011.

- Caderno de Notas 3 (CNT3) – Didaticário de criação: Aula cheia. (Org.) Sandra Mara Corazza, Ed. UFRGS, 2012.

- Caderno de Notas 4 (CNT4) – Pedagogia da tradução: entre bio-oficinas de filosofia. (Org.) Patricia Dalarosa, Ed. UFRGS, 2012.

- Caderno de Notas 5 (CNT5) – Oficinas de Escritei-

turas: artes, educação, filosofia. (Org.) Carla Gonçalves Rodrigues, Ed. UFPel, 2013.

- Caderno de Notas 6 (CNT6) – Experimentações de escrita, leitura e imagem na escola. (Orgs.) Betina Schyuler, Sônia Matos e Sandra Mara Corazza, Ed. UFRGS, 2014.

- Caderno de Notas 7 (CNT7) – Biografemática na educação: vidarbos, vida obras. (Orgs.) Sandra Mara Corazza, Marcos da Rocha Oliveira, Máximo Daniel Lamela Adó, Ed. UFRGS, 2015.

- Caderno de Notas 8 (CNT8) – Ética & Filosofia Política em meio à diferença e ao Escrileituras. (Org.) Ester Maria Dreher Heuser, Ed. EDUNIOESTE, 2016.

- Caderno de Notas 9 (CNT9) – Panorama de pesquisa em Escrileituras: observatório da educação. (Orgs.) Sandra Mara Corazza, Máximo Daniel Adó, Polyana Olini, Ed. UFRGS, 2016.

- Caderno de Notas 10 (CNT10) – Traduções do arquivo Escrileituras. (Orgs.) Carla Gonçalves, Ester Maria Dreher Heuser, Sandra Mara Corazza, Silas Borges Monteiro, UFRGS, 2018.

E desse conjunto de dados, arquivos, acontecimentos, conhecidos através da experiência, sensações — excluindo, raspando a lógica ou a racionalidade cotidiana — foram produzidos cadernos e artigos, notas a serem traduzidas por cada um, pela via da leitura e da transcrição. Aqui, neste texto, trago a certeza transmutada em abecedário, que respira por entre anotações vividas em oficinas, seminários, congressos, revistas, apoiados na reverberação de seus autores. Reverberação do que fomos capazes de ler e traduzir. E se a arte é, tudo é, ou nada é. Aqui não cabe o certo nem o errado, mas o vivido pelo expectador/leitor. Imagens que se criam independentes do criador, mas não da criatura, que confere vida ao seu imaginário de tradução. Ali cabe ser o que o expectador/leitor diz ser, sua tradução, sua leitura, um biografema tratando

do conceito Aula, sobre a vida de quem auleia. E através deste método posterior se atualiza também os biografemas entre matérias deslizantes, sendo que é a Aula que as define. Sem ponto. Sem norte. Sem cais.

É importante salientar que não se trata também de mágica, de remédio, da fórmula pronta do texto inédito ou da boa Aula, mas de um vivaz que morre na segunda frase e contradiz conceitos na terceira, de uma potência oculta, uma suspeita. E disso a vida é preenchida, de tentativas que cabem e derramam. Assim como o leite, que na fervura cria uma linda espuma que cresce, como uma onda acondicionada na leiteira, que quando entorna, seu cheiro adocicado nos faz salivar, mesmo lembrando que a crosta criada no fogão não será fácil de limpar. Metamorfose do leite — dia-a-dia na cozinha — e de letras, de tintas e de papéis e de cheiro leitoso.

E esses momentos únicos, leitosos, fizeram desta escritora que tipo de ser? Talvez um rascunho de Hilda Hilst: “fico besta quando me entendem” (DINIZ, 2013, p. 43). Uma cópia falha de Frida Kahlo: “*piés, para qué los quiero si tengo alas para volar*” (Pés, para que os quero se tenho asas para voar) (KAHLO, 2015, p. 257). Uma timoneira da barca de Medusa: “tanto mais interessante, quanto menor for o dogma, a inscriteitura só não é apupada pelos inducados da inducação” (CORAZZA, 2019) .

Seja como for, escrever sobre Filosofias da Diferença e Educação faz com que assumamos inúmeros devires, num trânsito entre janelas e portas, trancas e calabouços, encruzilhadas e armadilhas, becos sem saída. E para escrever: sonhar, fluir e escorrer, manar, escoar, passar o tempo, fruir, usufruir, ter prazer, desfrutar, gozar com o texto, lambe-se de prazer. Talvez seja isso: voar, ser livre também, “como o tempo vai, o vento vem” (MONTE, 2001).

Assim a letra flutua com outras letras que formam o texto. Sem necessidade de tantas preposições, pontuações, conjunções verbais. Ter o tema sobre escrever é amar o que

se vê e o que se é, por fazer parte dele. Gostaríamos que saísse pelo dizer, pelo escrever, fixando as frases pelo cheiro da paixão, como uma escrita de alquimia. Quando conectamos essas paixões, flameja a respiração, disparam os poros. E isso é necessário à escrita, ou tudo se perde, inclusive a chama. Nem carvão resta. Mesmo eles, os carvões, são necessários. Deste modo, a escrita é corrente que flui.

Então, quando você diz sim, e entra pela serpentina que a sugou:

— Já leram a *Divina Comédia*³?

Um levantar de cabeça, seguido de um ressoante:

— Não leram⁴.

Ela sabia, pela ação do olho, pela sensação que teve acerca do erguer a cabeça e pelo tipo de olhar que recebeu, que foi neste ato brusco que a porta se abriu, a paixão chegou, e assim descobriu seu nome: Aula. E a partir disso, soube que a corda era bamba, samba, centro da elipse que gira a vida. A Aula está dentro da ampulheta, no ritmo que se determina pelo que suga a areia, o escorregar entre dois bolsos — não uma algibeira, mas um fole — que se comunicam entre si por um gargalo mínimo, frágil vidro que guarda este tempo.

Da Aula pode-se dizer que, tanto a beleza quanto a ferocidade unem-se naquilo que pode ou não ser atingido, dependendo da quantidade de energia que iremos despendar ali, e como este ser *sui generis* — a Aula — se compõe no ar que a circunda, mergulhada entre pensamentos coletivos e individuais, sem pertencimento. Nossa paixão foi compartilhada e não sabemos se será amada ou odiada, mas certamente será algo.

Formular uma impressão da Aula é alocar todo pen-

3 Obra de Dante Alighieri.

4 Referência a uma aula no verão de 2008, no prédio da FACED/UFRGS. Era quente, não havia ar condicionado, a sala estava lotada e a professora Sandra Mara Corazza atuava como Deleuze, houve muito preparo e a música não foi interrompida; aula magistral.

samento possível em uma casca de noz. Ela não é passível. Ou ainda, supor que o tempo é um dos muitos grãos de areia: um, dois, entre tantos quantos. O todo e o uno estão presentes. Da Aula tudo se espera, inclusive o nada. O tempo da Aula é intricado, labiríntico, obscuro, sinuoso, independente e não linear. Sabemos, de fato, que ela se inicia e terá um determinado fim, porém, entre dois pontos existe o meio, e é o meio da Aula que segue, desde o lançamento do dardo inicial. Não é mais início, é caminho.

A Aula não possui gênero, idade, tempo, lugar ou donatário. A Aula constitui-se por si, por vento e pó, frestas e arestas, raios e grande lagos, marés altas e baixas, totens, pedras e riscos, pontos e *post-it*, e sendo o último a marcar, cravar sobre ela o que pensa, que ao ver outra frase criva outro ponto, *post-it* novo, e outro, e outro; um enorme exercício de correlacionar todas as marcas postas, *post-it*.

Trata-se, enfim, de uma pedagogia viva, ativa, artística, tradutora, transcritora: espaço, imagem e signo (EIS) / autor, infantil, currículo, educador (AICE) (CORAZZA, 2017). Automatizada por alguns, e seus autômatos criam, às vezes, aulas paradidáticas ou paraditatorias, com seus admirados livros didáticos, completos com os melhores exercícios, escolhidos entre os mais diversos manuais de livre controle.

Mesmo que provemos ser necessário, aqui ou acolá, complicar as sete figuras, que ali assumem e atuam, ela, digamos de uma vez, apresenta-se sempre inacabadas, formadas por textos aberto e por discursos perpetuamente suspensos de iniciação, incitação ou exortação educacionais, próprios para estimular o pensar do ensaio ou para intrigá-lo, mas jamais para tamponar um saber da verdade nem sobre EIS nem sobre AICE (CORAZZA, 2017, p. 238-239).

Entre currículo — EIS — e didática — AICE —, Corazza (2017) traz, da Aula, a função das próprias letras pelo

prazer do pensamento, colocando uma certa ordem sobre o que nos confunde acerca de currículo e didática, que não trabalham em separado, mas em um conjunto de signos que nos amedronta em seu uso de posições próximas, que por algumas vezes tentamos dispor separadamente. Mas nesse conjunto arquitetado em *eisciano* e *aiceano*, com uma terminologia próxima de ciano e *ceano* — ciano pelas ondas do oceano — uma linda cor para uma complexa relação entre didática e currículo. Uma ação combinatória dentro de uma articulação prática e teórica, que:

“Não começa com Adão e Eva, mas com aquilo sobre o que deseja falar; diz o que a respeito lhe ocorre e termina onde sente ter chegado ao fim, não onde nada mais resta a dizer: ocupa, desse modo, um lugar entre os despropósitos” (ADORNO *apud* CORAZZA, 2017, p. 235).

As intenções não são de desviar, mas de conjugar EIS AICE como articulação viva da Aula, uma teoria *eisaiceana* — conforme Corazza (2017) nomeia em sua pesquisa.

Entre seus textos, o bloco EIS AICE, compõe sua produção escritural, não apenas como uma repetição dialógica de conceitos, mas como uma percepção necessária do teórico sobre o prático e sobre como isso funciona em Aula. Entre escutas, releituras, reescritas, recomeçar e visitar espaços que possam delinear o composto e trabalhar os conceitos trazidos, que não são poucos, tampouco de fácil compreensão. Às vezes, inclusive a ação provisória por demanda de tipologia da Aula ou espaço dela.

Transversa o processo metodológico de conceitos sugerindo numa nova perspectiva, numa tentativa de limitar qual é o trabalho do professor: ensinar, escrever, orientar, pesquisar, seguindo a posição de ocupar Espaços, fazer Imagens e visualizar Signos, surgindo a unidade EIS. Propondo ainda que em educação a presença intensa de uma matéria,

ou seja, quatro conceitos: Autor, Infantil, Currículo e Educador, formando a unidade AICE.

No sentido menos determinável do bloco eisaiceano, propomos um desvio, como uma meia-ausência que se anuncia, para ser descriptografada entre as frases do ensaio. Desvio que, para começar, trata os elementos que povoam e ocupam EIS AICE como Figuras, no sentido usado por Barthes (1989, p. 1-3), qual seja: ginástico ou coreográfico, enquanto gestos dos corpos captados na ação e não contemplados no repouso. Figuras que, por conseguinte, expressem e repercutem sofrimentos, angústias, força e humor; pura simplicidade e posturas naturais; violência das posturas e a sensação de experimentar coisas da natureza e seres literários; estilos e conjuntos de linhas e cores; formas de se envolver, desenrolar ou quebrar linhas em frases ou em telas; ou seja, que repertoriem excessos e sobriedades do próprio bloco. (CORAZZA, pg. 7. 2017).

A Aula é ação geradora, o ser composto, artista/personagem, constrói-se pela passagem do tempo do agora. Tradução da vida, entre mundos: naturais, animais, tridimensionais que saltam da verticalidade para o espaço sem gravidade do corredor horizontal, onde 4ª, 5ª, 6ª ou 9ª dimensões partilham o mesmo espaço/tempo, no exercício fantástico, as mesmas leis que governam os movimentos dos corpos celestes (ARENDDT, 2007).

A Aula é viva e usa seus próprios meios sensoriais; ela nos engloba pela atmosfera gerada pela união conjunta daqueles que, em determinado momento e tempo, discutem ou narram algo que faz com que seus arquivos tomem um novo sentido, ou outra radícula, uma nova erva daninha que se esparrama. Os olfatos não são os mesmos. Salivar por um ou outro desejo e olhar antes do reflexo da janela sobre o sol também traz outra perspectiva, diferente daquela que senta

no fundo da classe ou no gramado. Tocar a capa do caderno ou a folha também não é o mesmo sentido, liso, áspero, suave, grotesco, com o lápis ou a caneta também torna a letra mais leve ou pesada. A Aula se submete a tudo e demonstra pelo sangue vertido (NIETZSCHE, 2011), pela letra grafada, pela linha garatujada, pelo pulo da cadeira, pela borracha no chão, pelo lápis que escorrega, pelo grafite esfacelado e a teimosia do apontador.

Nela respiram arquivos que reverberam entre atores de espaços distintos e comuns, teias de aranha que trazem a história delas próprias, ou do que nelas levam fibra e pó. Elas não significam que nada ali se move, significam que movem e que delas criam algo. Crias transmutadas, objeto da retórica/ingênito, único/múltiplo, unísono/discrepante, nestes dualismos internos que não estão, naquele momento, fixos, mas que em outros momentos poderão agregar ou dissociar, virando outro dúvida, outro trio ou apenas outro. No entanto, com algo que caiba como peça importante do quebra-cabeças da próxima Aula por vir, que já foi ou ainda virá.

Por vezes, entre as sombras está o melhor. Compreender antes desta dita luz é ser incompleto, tangível, flácido a cair à primeira chama, a gritar ao primeiro canto escuro que lhe aparece. Se trabalharmos pela teia, assim como as aranhas, pela toca, pela vingança desta tarântula (NIETZSCHE, 2011), entrecruzamentos, inúmeros descolamentos e pontos acrescidos darão à Aula o ponto alto do pesquisador.

Um matiz de misturas não postas, não dadas, mas aceitas. Atmosferas sentidas e não decodificadas. Percebê-las já seria um grande esforço. Não dar a última letrinha, mas morder a língua. Assim, se resume em uma, as enfáticas frases que se misturam ao dizer o que sempre se tem a dizer, o enfado de sempre ter algo a dizer, seja a quem for. Talvez calar seja a saída, deixar pairar no ar, ele resolverá o caminho a se seguir: parar ou ainda descer e sentar. É preciso uma liber-

dade de soltura, outros parâmetros, um caso de coragem ou de afastamentos, necessariamente também timidez e descontrolo de caminhos, para o instante da escrita, e transcriá-lo em forma de verbetes.

Personagens dialógicos comunicam-se por olhares, sobrancelhas, seduções, letras, ideias. Desejar o élan, cativar e admirar sendo, na verdade, os resultados de uma trilha que pode provocar outros fatos, que não os idealizados. Nem por isso menor, ou pormenores. ainda melhores que outros verbetes possam ser.

Perceber é conceber, sempre. Criar alvos para o pensamento, em ordem alfabética e desordem de significados. Na via e nos instantes da escrita realizamos escolhas, imaginando certos caminhos, novos endereços, direções e ferramentas que nos fazem escrever e firmar um ponto, no qual se lança. Neste ponto, o oral-auditivo é também substituído pelo visual-espacial, pelo concreto da terra que aceita a água e torna-se barro. Lançar, laçar, jogar a corda, firmar um nó, para que dali escreteiras sejam produzidas da Aula, em Aula e sobre ela. Escrever parte do que se vive e viveu na linha temporal percorrida, regressar pela ré e pelo dirigir de ré, intimidar. Como as rodas usadas para virar estão na frente, enquanto você se move para trás e sua visão está obstruída, dirigir de ré pode ser uma tarefa difícil. Dirigir devagar e prestar atenção em si e nos arredores, resultaria na mesma chegada? Aula fictícia, empáfia da razão de todo saber, escolher e do como fazer, desconstruída logo após o passo dado e reverso, retrocede. Se isso é capaz de ocorrer, é também capaz de seguir um novo caminho. Se não, acredito que tenha se perdido ao buscar o recôncavo e reconversor, não só por pensar em conversões, mas também em múltiplas reconversões possíveis. Ir da conversão à reconversão seria como o espiral do eterno retorno, uma trama *nouveau*.

Entre as palavras, todas podem ocupar um lugar nesse abecedário, a diferença é o que elas fazem ali e o que

querem dizer, não para pensar uma conjunção de letras amorfas, mas uma construção viva, sonora e visual e o desejo pelo entre outras dimensões. Do bidimensional, linha escrita pelo texto, ao tridimensional, ação de vida geradora da Aula/acontecimento, e a tantas outras dimensões que permeiam nosso espaço. Que preparado se deglutirá? Um engendramento fabular, a soltar e deixar ser livre, um passo de medo, porque tudo que é livre segue o próprio passo e não o que foi determinado.

A partir de um universo, que é o que dá vida, conceitos reverberam a compreensão e habitam o abecedário como uma morada. As velhas ficam, enquanto antigos monges as usam. Existem por um tempo e são esquecidas e tomadas por outras, com suas rugas e vestidos rotos; não pela ordem de chegada, como usuários de ônibus, mas pela “ordem alfabética, como nas listas de quaisquer pessoas, todos fazem a importância em determinado momento” (MEIRELLES, 1998, p. 270). Assim segue o alfabeto. Aqui não há a pretensão de responder todas as curiosidades infinitas, pois nós próprios somos finitos e temos prazos de validade, assim como usamos os que já escreveram, seremos lidos e as referências são as marcas de um trabalho, no qual se embasa a pesquisa de qualquer fato, assunto ou pretensões coletivas. As referências são a honra do crédito aos já vindos. O abecedário talvez seja o caminho das semelhanças, das analogias, desiguais, elegantes e deselegantes, nem sempre decentes, mas ainda necessárias.

Aqui o abecedário é, ou tenta ser, a alma dos vocábulos, mutações de palavras associadas pela raiz, que podem, a partir de variações em seus sufixos, criar outros signos. Destes teremos como linha, o tempo da Aula, um vivo, a Aula em corpo. Acreditando na intacta vida e que basta dirigi-la melhor para transpor, pular, sugar tudo, se possível, se desejável, daquilo que o abecedário da Aula opera.



REVE ABC DA AULA, en-

tre abecedários, alfabetos, didaticários, dicionários, diários e bestiários. Teatralizado pela forma que compõe a palavra e configura as frases, traça as ideias — bestas arredias que as leem —, coladas em cadernos de anotações de todas as Aulas que foram registradas e vividas, para além do bem e do mal. De qualquer um ou qualquer outro.

Assim, dessas lidas em seminários e oficinas de transcrição nasceram dez Cadernos de Notas, produzidos a partir do projeto *Escreituras*, e de cada um deles reverbera agora um abecedário de Aula. Naquilo que reconhecemos tanto pela empatia em antipatia, o texto não está para ser adorador, mas transcrito por outra mão, aquela que por leitura e escrita, escrita e releitura, agora cria outra matéria e a desloca para uma estrutura de abecedário e a partir daí se reconecta aos espíritos, anjos e demônios da Aula: aquela que tudo faz viver ou mata, aquela que recobre como uma trepadeira ou que vai por debaixo das tábuas da sala em rizomática ambiência. Por gemas também serão novamente tomadas e seus casulos permanecem.

“Só a antropofagia nos une escreituralmente”, diz Corazza (2008, p. 11); uma antropofagia entre matérias digeridas ou deglutidas e regurgitadas, que não se desfazem, mas se dispersam, se aglomeram e aguardam pelo outro, a fim de tomá-las por direito a dar um outro mover, outro formato e ambiência. Mesmo que ali permaneçam como em um

baú raro, que por medo não se coloca a mão, nem se tira o pó, achando que daquilo não faz parte. No entanto, somos também parte de toda matéria que nos aguarda para tornar-se outra coisa, outro tentáculo, outro grão de pó; matéria tomada e refratada com desejo de canibal, de salivar e abocanhar, para ver aquilo que se dá — não por seu desejo egoísta de determinar o fim, mas pelo desejo de uso — e para deixá-la livre para vir a ser pelo outro, que também a deglute. Assim as matérias são:

- 1) matéria; porque precisamos designar o que será ela, um fato, um texto, um ato, um poema, um quadro, uma imagem, ou um sonho.
- 2) o desejo de usá-la; desejo pelo desejo de estar com ela — matéria, enamorados, entrelaçados, até a pensar que esta unido a ela, e se fazer parte.
- 3) aquele que deseja lhe dar de comer; e porque também já a comeu e desse ato teve prazer, tanto que o partilha, deseja dar aos outros o mesmo, no entanto teme que neles não surta tanto prazer, mas que seja algo e que ali provoque algo, que só o novo afetado saberá.
- 4) o resultado, que é o regurgitar transcriado pelo segundo e transmutado pelo terceiro, e assim tornado outro. O nome ou substantivo é o tipo de palavra cujo significado determina a realidade? Os substantivos denominam todas as coisas, pessoas, objetos, sensações, sentimentos.

benevolência	balizar	Seria bizarro apenas a beneplacidade, esta benevolência romantizada da aula, a aula BIZARRA estremece seus pilares, caminha pelas brechas, e o erro não é uma burrice, é um
beneplácito	beata	
brio	burrice	
bizarro	balela	
buscar	brecha	
bando	bonito	

balbuciar	burlar
bordão	burro
balbúrdia	brisa
bruma	bajulador
bênção	biruta
boceta	baleia
base	belo
banal	bonança
bélico	binômio
birra	bilíngue
bochecha	bem-sucedido
banzeiro	burocracia
blasfêmia	bondoso
bravo	bradar
bárbaro	bálsamo
benemérito	bocado
balizar	beligerância
beata	brevidade
beleza	bravata
burrice	brandura
belicoso	boemia
breve	barganha
brecha	baú
baluarte	brincadeira
beneficente	brilhante
benzer	bifurcação
brava	banquete

novo aprender, apreender pela visualidade do dito novamente, compreendido por outra fala, em outro tempo. Essas brechas de aprendizagem são como uma brisa que não se vê, mas que acaricia. Ou aquele vento nordeste praiano de Capão, que move a biruta, e arde nas canelas, areia que esfolia o corpo, atravessa a pele e emulsifica. Dispersão entre liquefeitos, sangue, língua e saliva, pela baba escorre, bárbaro ato.

E se dela fosse banquete, binômios distribuídos, mesmo que toda bibliografia seja posta, por contratação só de maxilar se bebe, se blasfema por um único, e os diversos bárbaros que se aliariam, são esquecidos (Corazza, 2012).

Balizar as barganhas que fazemos entre aqui e ali, hoje com ele, amanhã com outro, ou não. Às vezes simples balela, outras cínicas palavras, provocar a boemia do pensamento reverso, surge a bifurcação necessária, basilar – base, básico, fundamental.

A brincadeira, o baluarte, o absoluto seguro, a certeza da fortaleza, sem pilar, sem pedra, só desejo de ser aula. Seu BRIO — valentia, coragem, honradez, amor-próprio de aula.



OMO partimos pela aula? Por meio da ação, eclodir artistas. Com um roteiro móvel entre pensar e agir, construir e reverter, compor ação que possa germinar. Pensar ferramentas, giz, cadeira, mesa, quadro negro/ausência ou branco/totalidade; eclosão de luz em cor.

A Aula é um contrato fantástico entre atores nominados, professores e alunos, sem o desejo da cumplicidade que ultrapassa a segmentação de grafemas, mas com a junção mágica dada aos atores e a construção de seus próprios abecedários. Poderes que não pertencem mais ao Olimpo, nem obedecem a Zeus ou à Caixa de Pandora, primeira mulher criada; caixa que continha todos os males do mundo e que foi aberta. Agora cabe a todos serem deuses em seus sonhos.

Definir tema, objetivo, objeto, constituir reações de ciência, ator/arte, ler/escrever, (ré)ler (ré de retroceder) e (ré)escrever (ré de nota musical, releitura).

É símbolo da luta, aula é enfrentamento, guerra pessoal ou corporativa — turma em uníssono ou discrepâncias, sempre. Assim, pense sobre as medidas, os pêndulos e seus pesos, células de carga, honestidade, senso ético e moral, amoral e imoral, tudo aqui cabe? Quem decide será ela, a Aula e seus afetados. Círculo intermitente em seu desenho, invertido símbolo do infinito.

O agora é um campo composto por circuitos, obras e atores a tirar cortinas, traduções sobre tempos e modos entre séculos ou décadas, *frames*, tempos disper-

sos, não lineares, tradução artística. Tríade: ler/ contextualizar/ fazer — necessariamente concreto, caminho da abstração, possível de salto — e o mero possível, como lembrança da retenção. Signo criador, virtual da arte.

Nesse agora, o aluno assexuado engendra essa ação conjuntamente com os demais. Tábula rasa ao ser composto, genética, biografema. Herdeiro genético da cepa histórica familiar, distorcido (acidente ao acaso). Composição da ordem ou ordenação das ideias pelas quais se constituiu antes, a escolarização.

Constitui-se de temas geradores da composição que criou 46 cromossomos e 23 pares alelos, X ou Y. Germinado constrói ideais e brinca ao se descobrir, sem se importar com classificador *o* ou *a*. Assim, assexuado, ou outro, em busca da sua construção de ser, sujeito pensante, pessoa e identidade.

E do dito do agora: a porca encontra o rabo, entre as pérolas que jogaram aos porcos, sabendo que só o olho do dono engorda ele, transmutado. Ser vir o que se dá pela matéria, pelo encontro de corpos afetados, porcos e javalis — um novo, predador; pássaros e gaviões — do livre vôo a caça, grilos e sapos — vir a ser presa, mariposas e as perigosas luzes.



LEGLUTIÇÃO da carne, que opera todas as guias que o tempo lhe dá, sobre o ser e o vir a ser. A terra se junta a ela e a depura em primeira podridão. Chorume humano, poluente, líquida emanção estrumeira entre a terra, a água, o ar, que circula sua decomposição malcheirosa, e o fogo, que entra pelas narinas, arde pela inspiração e circula entre todos pela expiração.

Ainda que vivos, nos decompomos diariamente entre salas, ruas, luzes, quadros e giz. Outros nos seguem, mandados pela nossa carne, expelidos pelo nosso odor, arraigados pelo mau cheiro. Entramos pelas vias aéreas superiores e queimamos em fogo pelas vias venosas de diversos corpos.

Levamos conosco outras matérias orgânicas e também as usamos naquilo que já poluímos, seja sequencialmente, semestralmente ou bimestralmente. Folhas de matéria orgânica que descrevem nossas questões particulares sobre aquelas que apresentamos no circuito-tempo da Aula.

Daimons que perseguem e entre canteiros deslizam, pois é possível perceber suas presenças, banham-se nas réstias e de sol entre as folhagens na tarde fria, balançam verdes galhos, que acompanho entre pensamentos bailados. Agora que a noite se avizinha, começam seus jogos obscuros, remexem papéis, enquanto tento esquecer o sono e traduzir em palavras o vai e vem em meu espírito, minha carne (CAMPOS, 2013, p. 15).

Gritemos aos espíritos, estes que um dia também já foram carne, e que traduzem a palavra que nos atormenta no sono REM, ou *Rapid Eye Movements* (movimento rápido dos olhos), que é a fase na qual os sonhos são vivos: olhos moventes, inquietos, atividade cerebral similar a das horas despertas. Parada no sonho, dele desadormecido, medo de seus significados. Mesmo que desejados, o sonhos são apenas vontades e medos que tomam corpo pela parada carnal e pela agitação da mente. Este sonho toma vida entre tantas outras que não se tornam matéria concreta, mas matéria viva, que nos constitui em pensamento de querer e de não permitir ser feito. Carne ainda somos, voltemos ao mundo, não somos do espírito, a tempo seremos, temos um corpo que nos acopla a terra, pesa e nos mantém em pé, bendita gravidade. Quando nos livrarmos deste invólucro, e partirmos para outro plano sem o peso de qualquer camada, rumaremos conforme a direção do pensar. Escolha a direção que desejou nos sonhos, alguns perdidos outros jamais esquecidos e desejosos de realização.

Carne que cabe aos carnívoros, vegetarianos ou veganos, todos se constituem dela, mesmo que não a deglutam, ela é parte conjuntiva de seus corpos. Os elementos que por ela passam não importa. É a carne o visível, aqui é o ser pelo parecer, como falha da engrenagem social.

Assoar, a fim de expelir o muco, transformar líquidos em óleos necessários aos rolamentos para dar continuidade a vida. Considerando que todas as línguas são diferentes, dentro da mesma língua existem tons, ditos, gírias e a própria sutileza, ironia ou agonia ao dizer. Diálogos entre espíritos que lutam entre carnes. Ou como dito no Caderno de Notas 1: “re-encontrar as verdadeiras diferenças de natureza ou as articulações do real” (DELEUZE *apud* CORAZZA, 2011, p. 62).

Para isso é necessário parar, encontrar a claridade da Aula, as articulações que ela mesma faz em suas matérias quando colocadas em sala, entre outros, dentro na verdade

de qualquer ambiente, verdade dada pelo ambiente — não dada por nós, metafísica. Inclusive nas portas dos banheiros, nos troncos das árvores e nos encostos de bancos de madeira, tão raros hoje em dia, assim como também se tornam raras as frases em árvores e as próprias árvores. Como aquele encontro que nos atormenta, ver um toco em uma calçada de pedras levantadas, sendo que o fato é: cortamos a árvore porque estragou a calçada?

Que Aula é essa senão a da estupidez material sobre a alienação da natureza, alienando aquele que não materializa a solução possível do responsável pelo nosso oxigênio? Ou não é essa a função da árvore? Será que a insistência da professora na decoreba da fotossíntese serviu para dar importância à calçada? Posso ter perdido esse exercício, esse ponto dado, ou algum trecho não lido em que a importância estava na calçada e não na árvore.



ESTÚPIDA joça da vida, de alguém, das nossas, ficou sentada sobre suas mãos. Observava a escuridão sem saber se aquilo que chamamos luz existe; pensava que fingia não ouvir, no entanto, realmente presa a tantas outras visões, dispersava. Bateram em seus dedos sobre a porta, se assustou com o ato, surpreenderam, não ouvia, e sobre seus dedos, mão e braço subia um tremor; tal tremor em arrepios, desconhecia.

As manchas de luzes dançavam imagens ícones, eram mais que palavras, eram às vezes, até frases, sentimentos, um novo todo, outro ver, eram signos colados no ar; não poderia nunca imprimir e renovar o arquivo para mostrar o que realmente sentia (HEUSER, 2011).

Gemendo por baixo da língua, tentando, e ainda assim repetidamente só podia ouvir o gemido que não existia, e se existia estava em outra, não em sua língua, só sobre os dedos, o que seria? Vibração do toque em pele ensurdecida.

Se chorar, chora por nada e vive as dores de tantos, encruado desde aquele dia, em novembro na década de setenta. Disseram que foi em torno das duas horas e cinco minutos da madrugada, ao mesmo tempo águas escorriam pelas calçadas e ruas, bueiros regurgitavam bolhas de ar. “Entre o começo do inferno e o fim do céu” (RAMIL, 1987), a cor era azul, mas sua cor é laranja; vermelho seria nítido e não é a intenção.

Se as mãos perdessem os braços e os dedos caíssem, sua língua morreria. Às vezes nunca pensado, nunca lem-

brado, mesmo que dito como lido; uma dança, mas somente um se torna ninguém, entre outros, são vários e criam. Não reconhecem seus movimentos, seus signos. As roupas são outras, soltas e livres ao ar; as palavras não estão na boca, saltam sobre o ar e se encruam em anotações; imagens são palavras, signos são sinais; gestos são sinais que carregam toda uma língua; frases escritas podem ser um signo apenas e, às vezes, uma palavra torna-se uma extensa sinalização.

Dentro da escuridão, sem arestas, sem frestas, sem luz, sem reflexo, sem réstia, treme covardemente. Voltam a bater em sua porta, pensam que finge, esqueceram que as roupas são outras, soltas de si. Ela vibra pela epiderme, esta é sua alma, na superfície da palma (DUNCAN, 2005) sente, fala, grita, parece não haver razão, mas é assim, pela epiderme e seus reflexos.



FUGAZ, errante, ébria, outras que sofrem, ela e eu erguemos a cabeça. Postem a seu cargo, ergam a cabeça, ou gritem como a rainha de Carroll (2000, p. 30): “Cortem-lhe a cabeça!” — bordão que pertence à Rainha de Copas, na história de Alice no País das Maravilhas.

E que sigam pelos ares, pensamentos novos, ideias novas, críticas alheias e próprias. Riem dos outros e de si; crítica dos outros, que também cabe a nós ter, ser ou mudar.

Voa passarinho, encontre outro ninho, nova morada. Talvez o céu seja realmente a tua casa. Por que somente a terra? Porque não o lodo? O barro, o sujo, o imundo. O texto mal escrito, mas bem-dito, bendito que seja o verbo que se faz carne (CORAZZA, 2008, p. 12).

Que não nos enganemos em pensar no fugaz como escapada, mas como transitório e talvez, na errância, como algo perdido e jogado ao mundo. Liberta ao vento, aquela que a nada se apega e tudo leva conforme lhe caiba na memória desejosa de lembrança.

Errante do livre pensar e agir, mesmo que às vezes seja necessário um barbante a lhe içar, para depois a largar, voar e fugir de todos os que a tentam prender. Errante que seja, e que volte conforme seu gosto pela ambiência da experiência, seja na Aula, na sala, no corredor e, principalmente, no banheiro, ali onde dejetos ficam, cheiram e se vão pelo redemoinho da água; turbilhão da maré inventada e copiada, tentativa da inédita combinação.

Aula desajuizada, venha de onde quiser suas matérias sossegadas para que no desassossego possam, se assim

for do gosto, ser apreendidas, do poeticamente trazido ao poeticamente escriturizado (CORAZZA, 2012, p. 37). Fim do rigor da organização preestabelecida, dos padrões escolásticos, porém das aulas magistrais, de cadernos organizados, enumerados conforme a ida da matéria primeira à segunda, até a completude dos conteúdos desejosos, grafados e marcados, relidos e revertidos com o dever de ser Aula.

Uma Aula deve ser como uma música e uma música não se interrompe, se aprecia e seguindo nessa ordem, sempre tem alguém que não entende na hora e há o que chamamos de efeito retardado (DELEUZE; PARNET, 2019). Se fizermos analogia à marchinha de carnaval *É dos Carecas que Elas Gostam Mais*, de João Roberto Kelly, diversas compreensões são trazidas, uma delas seria de uma menina que não compreende onde estaria a beleza de um homem sem cabelo. No entanto, a mesma relação da mesma menina, quando adulta, será outra, seja ela esperta em ver de qual cabeça se fala. Quem tem cabeça? Animais? Pessoas? Objetos? Coisas? Parte delas, membros?

Esquece-se dos sonhos, das alegrias e do não rigor de ser aprendiz, mas o delicioso imaginar sem regra, a partir dos dados jogados, seja da maneira que caíam, ou da formulação que lhes dá, dali sairá algo, novo ou não, lido e dele refeito.

Passam a criar da matéria outras matérias, outras linhas e a questionar sobre a posição das letras, se elas podem ser como no espelho e de como colocar o bloco. Não como sugere, mas como deseja escriturizar.

Fractal não sugere como fração, um vitral, mas como imersão, mergulhar sem destino ao fundo, um sem fundo, buraco negro; imagens a percorrer e delirar conforme se adentra, teias que não nos prendem, nos impulsionam.

Como ocorre na Aula que é livremente reversa, decomposta e refeita, já não é o que era antes, mas outra. Após o Auleio, é fractal, é escrita em giz, um novo efeito, e deste novo, diversos novos, a cada um que ali está. Cada fractal é individual, às vezes, por matizes de semelhança, mas não iguais, mesmo tendo a mesma matéria de origem e o mesmo instrumento a ser usado nesta matéria que agora é.

Depois que Auleio, já não sou mais o que fui. O que está lá? Enquanto, antes, tinha só cópias para fazer, tenho, agora, experimentações inimitáveis: escreteira, esbelta com pernas de mariposa; vozes desenhadas e cérebros hemisféricos, com bilhões de facetas, matizes, lados, utensílios e perturbações, ao mesmo tempo; pistas de sabedoria, extraídas, com língua pontuda de poeta, da superfície dos estudos relevantes na justa medida de uma Aula altivamente reversa (CORAZZA, 2012, p. 38).

Como Nodari (2010) descreve, somos períodos, mesmo que duplos, somos 45 minutos por período, e se duplamente tivermos a sorte de trabalhar na matéria da Aula, teremos 90 minutos, 1 hora e 30 minutos, tempo fracionado, não composto ao seguinte. Às vezes demora-se 168 horas para retornar às 1 hora e 30 minutos que nos pertenceu no passado, verbo agora no presente, que necessariamente será usado no futuro das 168 horas, ou além dele, ou ao pensar sobre às 1 hora e 30 minutos ao tempo que for dado a memória para guardar e ao destino querer usar este arquivo nômade. Porque se transita dentro dos próprios 90 minutos e quanto mais transitarmos entre o meio deles, mais ainda nos chegam novos dados de ciências humanas ou exatas. Talvez sirva o exercício como observação da tortura, daquilo que pouco resta da matéria original, que na defecada nem húmus se tornou. Pó ao léu. Talvez cinzas sejam mais proveitosas ao vento, que as leva conforme a necessidade de quem as receber ou de quem as libertou.

Tramas compostas, com ou sem sucessão de regras, regulares ou não, rotinas ou complexos desvios unilaterais, seja por gibis, televisão, turmas que nos assombam. Hoje somos perseguidos pelos quartos silenciosos, pelo zapear infinito, wi-fi, redes de sucessões. Aliás, muitos desejam esta depuração fractal, pedaço do dia a dia, deixado ou acolado. Outros vivos, vivos mortos, zumbis, bocas abertas, sangue pulsante, vontade da carne, delírios do currículo, didática do medo.

*

Fugaz, um mundo feito por si, não pelo outro; o outro está no mundo dele. A vida depende dela própria; a vida do outro é outra.

Fractal, medida quântica.

Macro — medida conhecida.

Micro — o quântico está em conhecimento.



ROTESCA

Geradora da vida, da morte, do fantasma, do nada, do jamais, e do pior; talvez.

Roteiro inédito de vidas diversas, compactadores de lixo.

Ópera criada pela máscara, esconde um psicopata apaixonado, gerado, cresceu fantasma.

.oãsneerpmocni enrot es euq oreuq ocuopmaT

Estripador, tipo de leitor que “lê apenas as vísceras do texto: orelhas, contracapa” (NICOLAY, 2012, p. 36).

Saqueador, leitor que lê, compila, troca a frase, inverte as palavras e cria *seu texto*.

Compulsiva, lê tudo que referenciam, e acaba em reverenciar deuses que não conhece.

Ogra, lê, escreve, cria, inova e acontece, reverte, rumina a palavra, regurgita texto.



Á uma doença nas pessoas que as impedem de ver a verdade. Ver as coisas com amor faz com que vejam a verdade; o resto é fumaça.

O verdadeiro é dúbio, verdadeiro é o ideal psicopata, é a tragédia, desgraça; o amor psicopata é mentiroso.

E como nos melhores contratos, o mais importante está nas letras miúdas, aquelas que criam miragens. Linda figura aquela fumaça, um dragão, na dimensão do imaginário, no odor da repugnância, na verdade do medo e na dúvida da realidade. Deboche surreal, tudo é leitura, inclusive a frase na porta do banheiro, unida ou não com o odor dele próprio, de quem usa o vaso e do vaso, dos restos que às vezes ali ficam, se apegam ao ambiente. Tudo é tangível ao se pensar sobre o que trazemos em nossas nebulosas tentativas de ser letra, de ser lido, de haver verdade que provoque o disparar a pensar (CORAZZA, 2012).

Há pó sobre tudo, limpei a tábua onde está este velho notebook ACER, que só funciona ligado na tomada. Enfim, é necessário limpar tudo, inclusive as folhas de notas de diversos seminários, Bop's¹, banca, dicas, frases que gostei e que no fim tudo ficou embaralhado.... Virou um texto que não se costura, ainda se fosse um belo *patchwork*.

Obrigada pelo que houve, sempre o tempo a se esgotar aqui. Retalhos não têm linha que os sustente. Os apontados serão apagados, não irei refazê-los, farei outros. Sento hoje, às 11h06min., e é necessário externar, pois se houvesse estudo não estaríamos aqui.

1 Reuniões conforme a demanda do Bando de Orientação a Pesquisa – BOP.

Junto com o pó havia uma sacola plástica branca, porque se fosse negra poderia resgatar algo, e não quero. Conforme folhas passarem pelos Cadernos de Notas e escritos do grupo, as soltas também irão para a sacola, aliás, porque ainda temos de pegá-las? Não havia uma lei que todos gritaram? Fui uma, e agora não as quero. Assim como não quero passar por uma abestalhada copista que recebe: internet

Retirei imagens? Não. Talvez duas e só. Às 14h saio para uma tradução, retorno às 16h e sento. Levantarei hoje ou amanhã, quando findar a empreitada ou pelo cansaço.

Ontem, sobre o email recebido dei a uma pessoa para ler e me espantei com a opinião². Corri para cá, deve haver tempo, domingo, sento logo ao abrir os olhos, saio às 15h, outra tradução, retorno às 19h. Dormirei, porque segunda volto a sentar às 8h, não prometo, apenas digo que antes de quinta receberão algo a criticar, e por mim a seguir.

Com as palavras, não esclareço a ideia que quero ou confundo com a estrutura que uso, daquilo que deve ser a proposta. Assim os tranquilizo que um amigo irá ler antes do envio, hoje mesmo lerá o já entregue à digna responsável desta, quais são meus erros. Preciso de outra mão, porque o que percebo é após o envio. Erros foram diversos, tempos dedicados a mim, muitos.

Não agradeço. Dizem que traz mau agouro. Hoje só um pau-santo e três galhos de arruda me acompanham pela narina, pela mão tecladas e ao lado livros, apesar de não lhes contar, atrás da cadeira diversas encadernações de textos das disciplinas que já ouvi e anotei. Talvez essas anotações já tenham dado adeus logo após o pó.... Sigamos pelo rastro da cinza jogada ao léu, nada melhor que ser fumaça.

Haja o que houver, estaremos aqui.

Hajam, ou melhor, não, perceberam pela falta de ação.

2 Isso te afeta? Muito, totalmente, concordo com o que diz naquele email destinado a vários, que falam sobre alguns. Mas não o respondi desta maneira, me afastei e corri para escrever, reescrever e saber do porquê não concordo com opiniões piegas, por comodismos, por amores melados; sou selvagem.

Houvesse lodo, teria escrito.

Houvéssemos dado crédito, teria seguido.

Houvessem feitos, seriam publicados.

Houver? Seria possível, veremos.

Houve tantos, tão raros, busco os pares, eram ímpares, os que se encontram agora aspiram a ser, é necessário segurar os lenços, pois se afeiçoam facilmente, apegam-se a poucas coisas, ainda que fossem as necessárias, trocam, na verdade não sabem os conceitos.



INTERVALO

De Aula, suspiro
Tomada de ar
Espira, expira
Espera
Inspira, *déjà vu*

Ressoar necessário ao nada... intervalar presente, passado e futuro.

Repetição de parada.

Alimentar, combustível orgânico.

Esticar, pernas e braços, palavras, frases, intenções.

Espreguiça, espreguiçadeira (cadeira de tecido, forma côncava, senta deitando, modo operante).

Intervalo, 1 linha, 1 dia, 1 mês, 1 semestre, 1 ano, prazo estendido... certo tempo.

Ponto ZERO, já quilometrado, quilo/peso ou distância — partida/chegada.

Meio, meio entre saber e agir.

Intervalar necessário para que o fluxo ganhe ar. Acomodar, limpeza do espaço ocupado, acomodação do novo e re colocação do velho, que pode transcender o não novo, necessitada parada, entrada de ar torna fogo.

Queima, ardor, infla, inflama.

Cor quente, vermelho, laranja, amarelo, avermelhados, alaranjados, amarronzados.

Intervalo necessário para entrada ou saída, marco, refresco, nova partida. Quando? A quanto?

Conforme a Aula/ação, aluno/assexuado, escrita/estudo.

INTERVALO, para, respira e só.



Á+IR, Jair = sim, ele foi a seu tempo, ao mando da sua vontade, pulou pela janela e decidiu seguir sua vida. Como se dizia: virou trecheiro.

E neste ir a diversos lugares, aquele trecheiro, explorou diversas possibilidades, principalmente as de luzes coloridas, para diversão, e o chão negro para profissão. Apaixou-se pelas engrenagens e as compreendia no primeiro olhar. Do trecho não saiu, passou a ser capataz, porém não pense naquele dos Palmares, virou capataz ex-trecheiro, mostrou a vida das luzes, compartilhou o que dela tirou e defendeu todos os que do chão negro partilhavam.

Depois de diversas estradas abertas foi levado a uma que, em curva, o fez parar em uma santa: Santa Catarina, e ali conheceu outra, também de nome santificado: Anna Maria, Maria por amor materno, a mãe de todos, e Anna por ser avó do salvador, isso é o que se diz em algum livro de história. Não se tem completa certeza até onde chegaram essas informações trazidas neste relato.

Partiu, já que seu propósito era sempre ir, no entanto voltou, e para Anna pediu que também partilhasse e conhecesse o que era estar por várias estradas e regiões. Quase atracaram em uma ilha, mas a serra os levou para onde era tudo para-ti, próximo ao eterno desaguadouro. Na primeira parada, um capitão os recebeu e sua morada ofereceu.

Passou a ser respeitado entre outros tantos, e gerou a vida de duas criaturas de cromossomos xx. Por estes seres, pela XX matriarca e pelo trecho que já amava, trocou de estrada e resolveu ver onde o rio também podia ser grande.

Montou morada fixa. Do trecho, se escuta várias histórias, mas é do patriarca que mais falava, bravo, atirador e caçador. Bugre de família, casa de tapera, chão batido e água da bica; carne só se fosse de caça, com ajuda do cachorro perdigueiro. Junto dele o trecheiro era quase mosqueteiro, porém a bainha virou cartucheira e a arma era de fogo.

E foi depois de encontrar o rio grande que gerou outro criado, agora um xy. Mas dele pouco levou, logo a Anna se cansou e decidiu ter a sua vida no trecho, nas ruas daquela nova cidade que por anos habitou, mas que sem liberdade, não conheceu. Correu, voou, esqueceu-se do porquê pelos outros sempre pensou. De castigo, por querer ser livre, teve que prender no guarda-memória o que viu no passado. Hoje seus olhos andam pelo fumaceiro, pois perdeu o trecheiro.

Tanto o *ir* quanto a *homenageada* sentem falta um do outro, mas não podem mais trair a liberdade. Talvez o trecho seja realmente parte de todos, inclusive dos gerados, sejam eles xx ou xy. São livres, correm e voam. Seguem.

*

Nenhum ser pode viver sem ser livre, nem aquele a quem devo a existência. Consegui tolher a vida de uma mulher brava, destemida e lutadora, minha mãe.



ÂNGUIDA caótica, não se ata pelo cordão, mas aceita a entrada sem saída preestabelecida, outro caminho constituído, gerado pelo feminino e masculino, hermafrodita produtivo, fecundo de matérias caóticas.

Pela mitologia, um vazio, um informe, ilimitado, indefinido — sem gênero? —, multigênero, e daí nascem todos no universo. Pela caótica criação do todo. Em mitologia, vazio primordial, caráter informe, ilimitado e indefinido, que precedeu e propiciou o nascimento de todos os seres e realidades do universo. Platonicamente, a desordem e indiferenciação dos elementos, que depois terão a interferência do *demiurgo*¹.

Há um caos a se perseguir, compreender e comprometer-se na vida de “escrita-pela-leitura ou leitura-pela-escrita” (DALAROSA, 2011, pg. 15), quando a oratória, a cena, todo teatral precisa ser textual e se converte em conceitos. Porém é fatigante ser retirado de zonas dominadas pela imagem, imagem pelo texto individual e do não escrito para outras zonas que necessitam do texto, prazeroso, conceitualmente organizado com conceitos não escritos, mas sempre teatralizados, performados e suficientes em áreas que não se atravessam pela letra fixa.

Agora, neste ambiente lânguido, é necessário não contar com o pragueiro da provocação, do deixe pensarem

1 Platão (428-348 a.C.), o artesão divino ou o princípio organizador do universo que, sem criar de fato a realidade, modela e organiza a matéria caótica preexistente através da imitação de modelos eternos e perfeitos. <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Economia/Equilibrio-ou-caos-7/35506>

o que quiserem. Provoque, vista-se, maquie-se e *adelante*. Assim como o labirinto, não é o caos, mas outra direção a se tomar, outra perspectiva e outra ordem. Junta-se assim ao teatralizado e o performado, as experiências possíveis da letra fixa, que através da vida de escrita-pela-leitura ou leitura-pela-escrita, agora é movente e maleável, por meios não percorridos, das brechas, arestas e frestas.

Pelo informe, estrutura, em caos, linha entrecruzamento, pela raiz em rizoma, por entre a terra e não sobre ela, não se mostre, aja, faça, escreva e, por favor, leia. No texto não há espaço para suas caras, olhares e trejeitos; aqui o pedido está na letra. Então como colocar olhar à palavra, como dar movimento à linha, como mostrar o texto com outra roupagem?

*

Nem Platão, nem outro filósofo antigo ou moderno foram capazes de definir a energia criadora que está e esteve sempre além do caos. E que hoje mantém o universo coeso, girando no espaço. Languidez neutra não existe nem na teoria da criatividade, nem o evolucionismo persiste além que após. No *Big Bang* há o mistério de que uma força existe e não definida até hoje por um cosmólogo.

Matéria escura indefinida.



MAREJAR, exatamente como consta na *Barsa*, aquela desejosa enciclopédia, completa e disponível aos grandes, não às minorias, em quaisquer dos sentidos atribuídos ao grande e ao menor, sem o sentido de menos ou mais.

Era um trabalho assim pelos poros: porejar, ressumar, suar. Se buscarmos pelos artigos prontos, artigos de matéria para a Auleira, eles estão disponíveis em diversos links de pontos, linhas, traços e até mesmo de Aulas, de conteúdos e suas atividades completas, inclusive com material final concreto.

Porém, se estamos pelo que mareja, o látex que a seringueira marejava, essa cola, aquele que une, que também dissocia, cola demais e vira um grude que não descola, que embrulha e não desune, a não ser pela ação de rasgar, amassar e trazer ao final restos do todo, pedaços do que já foi. Não se une a linha primeira com a segunda originária, agora temos partes, até se unem, necessitam de outra palavra para ligar e ungar o que se quer do dito, do posto, do pronunciado.

Se, pelos olhos, desaguamos em máquina *valéryana*, o anjo mau que insere o intervalo, como se a cena já houvesse ali estado, agora temos a chance de virar à esquerda e não à direita, de pegar a rosca e não o bolo, optar pelo café nunca pelo chá, entornar o lúpulo e não o destilado, pois o destilado queima em brasa, marca com o ferro e poucos o suportariam. Ele traz a esquizofrenia como companheira e as trevas em nossa sombra.

Tornar um marejar de apropriações construtivas, tornar o pensamento funcional das citações, ligar o nexu com o convexo. Citação dada, citação não conectada, mareja o escritor em sua tumba, entre gorduras que não constituem mais seu corpo, carne que agora é nada, restam ossos, nem bens, nem fortuna, resta rolar na tumba, gemer e gritar. Cabe marejar do uso impróprio da letra viva que deixo.

Marejo porque compreendo o sentimento dito pela letra, fixado no papel, que vira documento, prova insana, mesmo que o texto esteja na possível margem da nuvem, salva entre textos que flutuam por este céu virtual; este céu mareja ou marejam os que deixaram rastros de textos que não deviam voltar em tempos de novos contextos.

Sabe-se que derramar as mágoas que não assumimos, despejar as tristezas que sentimos, jorrar os sentimentos que negamos, destilar os venenos que vertem das bocas que conhecemos, já nomeados e sendo nossos distintos amigos, marejamos sem aguar.

*

Nem tudo que está escrito é válido para o conhecimento humano. Discernir entre o que está escrito e o que é verdadeiro vai um grande espaço repleto de conhecimento. Tudo o que escrevem não diz aquilo que realmente tem valor filosófico. Filosofia da vida não precisa ser escrita, porque se fosse não existiriam as civilizações orais, ciganas, tuaregues, nômades, que não tinham escrita e sua base da vida primordial era oral.



EM todo mundo pensa como você. Era o que sempre lhe diziam em meio ao *Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida*, iniciado em 2007. É preciso deixar que ele, o texto, lhe tome a vida e também sua vida tomar. Através do texto, não há domínio, nem domesticação, é provocado a enraivecer. Quem és tu cara-pálida? Dizes, mas não se compreende, várias vezes repete o quê e a quem? Por onde andas? Quem anda contigo? O que fazes aqui? O que te traz aqui? Só desejo? Mostre-se.

É falcatrua, calúnias e impropérios escritos não conjugados com a linha. Afasta-te! Desista! Saia, agora! Se não fabula o teu verbete deve ser por tédio. Assim como és outro, mostre aos outros quem és, que sapato usas, que marcas tens, que sardas são detalhes.

E o se o caos te toma, deliberadamente sem aviso, vi-ras um vitimeiro? Ergue-te, escreva, leia, estude, não há mais chances. Caia no buraco da Alice e siga o coelho, encontre o Chapeleiro e veja que cor ele te dá; tome chá, derrame café (CARROLL, 2000).

A toca é o caos, o vidro tinha o caos; ela bebeu e cresceu, comeu e diminuiu, e não quis sair da toca. Lá encontrou outras razões e, pelo caos, ela também aprendeu com a Rainha de Copas. Mas você não é uma carta, você é tédio. Presa no mesmo lugar, ali, achatada no chão, cheirando o sereno, olhando a marca de borracha da rua.

No caos, alguns, ou tantos outros, não se sentem bons para qualquer coisa, ou se iludem em ser apenas pessoa. Sem saber que somos diversos dentro de um só. Da palavra so-

mos texto, qualquer uma que tenha dito, pode ser aproveitada em um título, frase ou tema, qualquer modelo serve de resquício, de contra-argumento. Isso não significa que seja um elogio — pelo contrário — da crítica à crítica, das amizades, as ditas melhores; meu melhor amigo(a), não o é.

Quando isso acontece, você tem certeza de observar a realidade ou, pelo menos, alguma parte dela.

Nem assim, nem assado.

Nem um, nem outro.

Nenhum, nada.

Nem nego, mas não assumo.

Nem este, tampouco aquele, talvez outro e também em outra hora.

Nã nani na não....

*

Lewis Carroll (2000), ao criar Alice, perdeu-se filosoficamente baseando-se nos conceitos preestabelecidos de um verdadeiro lorde inglês. Alice não é padrão para brasileiros, as neuroses da Rainha de Copas não se ajustam ao caboclo nordestino. O Coelho psicopata, doente por hora, escravo do relógio, também não é padrão brasileiro de vida. Nosso horário é sol e chuva, inclusive o do folgado Jeca Tatu: com chuva não vou, com sol é quente. Não devemos aceitar sem discutir, nem isto ou aquilo, a verdade que titubeia e sem cuidado suplanta a mentira, não a supera.



PERAR devires, fluxo permanente, movimento ininterrupto, atuante como uma lei geral do universo, que dissolve, cria e transforma todas as realidades existentes. Vir a ser, operar em si, o fazer poético operativo e artistador (CAMPOS, 2017).

Operam dados dos arquivos que temos, do dia a dia, das conversas, dos jornais, das frases de corredor a meio ouvido, dos ditos gritados em folhas, arquivos que se embaralham aos nossos, nessa máquina de fazer operações arquivísticas que nos confundem, se seriam nossas ou dos outros. No entanto já operaram em outros também, arquivos que não nos chegam.

Operar ao se tornar outro, outra via de visão, amostragem do não visto pela linha direta, mas pela perpendicular, paralela entre sobrepostos de mundos avessos, que na transcrição da vida escorre pela borda da margem. Dois mundos, ou mais, percorridos pelo 2D convencional, para a criação de paralelos da bidimensionalidade conhecida. Transfigurar os paralelos criando outras afecções do olhar, que correm pelas linhas conhecidas, encontrando outras dimensionalidades e, mesmo assim, pela linha do 2D, continuar vivendo.

Devir-Heráclito: do latim *devenire*, chegar a ser. Operar ao chegar, seja na porta quando a maçaneta está lambuzada e não temos a coragem de agarrar e girar, em que o líquido de algo gosmento operou na ação que iria fazer, cortou a ação.

Assim como a Aula é devir, seja pelo texto, pela imagem, pelo ser, ou por outra dimensionalidade, outro após uma fala, pela linha escrita, relida e reescrita, leitura artísti-

ca e releitura conceitual em imagem. Outra operação. Outro texto, outro ser, outra opinião, outra forma de ver, nada mais será visto como antes ou como agora; o agora já é devir, o novo olhar já é outra coisa.

Opera em relação à outra, do interior ao exterior, estranho, superficial pela primeira olhada, e na segunda, terceira e quarta: interno, inerente, essencial, profundo, âmago. Operado, esrileitura, agora se faz aqui morada para operar novamente, esrileiturar.

Operar — ato de cortar, feito por aquele que manuseia o bisturi. Órgãos do corpo humano, quando necessário, são operados. Textos cortados, olhos atentos ao parágrafo que terá o seu grifo, nota de rodapé, grifo do autor. Na Aula não há grifo, há recorte; não há autoria professoral, mas autor-escritor com editora, página e ano. Do professor, o grifo será (lembro de ter ouvido isso, em alguma Aula).

Operar — aquele que usa a caneta, opera a letra, corta o vazio da folha e forma texto. Opera criando nova escrita ou reescrita, no entanto tudo é esrileitura, de algo que pensou e decidiu marcar à tinta a folha vazia. Mas é esse o ato que realmente pensou? Ou entre o pegar a caneta alguma sinapse mudou? No entanto, na caneta-sangria, aquela que devora texto para operar o traço do não agrado, de dois traços em X, daquele ponto de interrogação sem a necessidade da frase. O que você quer dizer com isso? Ou o que você pensa que diz com isso? Ou você pensa que diz algo com isso?

Operar — ato em que o operante, já treinado em cursos técnicos, faz com o maquinário; faz uso operando. Máquina negra transformada em tábua pregada na parede da sala, dita como negra, mas é esverdeada e opera através do giz branco, mas necessita do operador, que necessariamente não precisa ser o mesmo que opera a caneta-sangria. Talvez seja a vez do que recebeu o X, ele opera conforme o erro anterior. E na tentativa de agradar ou de acertar, erra e reopera? Talvez o apanhado imperativo não tenha sido feito (CAMPOS, 2017).

Operar — quando o mercado está operando, a bolsa de valores usa este termo em ações negociadas no período de

abertura até o fechamento daquele dia. Índices altos, a porta da sala se fecha com alegria, Aula frutífera. Índices baixos, a porta se fecha calada, Aula que germina. Ação mágica.

*

A Aula é verbo, ação, e se não houver um ser agindo ou operando aquela ação, ela não se transmite, ela se torna inerte, estagnada — por certo tempo, nada é totalmente imóvel. Não é Aula, é aula seguir a ser. Não vai a nenhum lugar, porém lá fica até despertar, talvez de outro modo, metamorfose da lagarta. Um amontoado de palavras que gera um ensinamento, o *devenir*, por isso, menos texto, menos falatório, menos definições, mais ação e fatos concretos, lógicos, coerentes, transmissores do saber e do conhecimento. Talvez o próprio inverso da sequência seja mais válido.



É, este membro responsável por tantos lugares que pisamos e deixamos marcas, no pó, na cera (vermelha ou amarela, ainda existem resquícios das duas pelos armários da sala).

Talvez este seja o pé da cera e, assim como nós, marcou esse espaço; as marcas não são necessariamente humanas, mas vestígios de formas que também podem marcar e pelo tipo de vida que carregam, mostram suas marcas. A marca da cera não é humana, no entanto no humano provoca a lembrança, que a cera usada pela mãe exala um aroma que lembrava sexta-feira.

O mesmo pé, que ao subir na cadeira também a marcou, apenas para que saibam que também marca, não porque subiu na cadeira. A marca da subida foi uma intenção do humano e não do pé. Na mesma cadeira, diversos pés se ocuparam em deixar suas presenças perceptíveis na tinta corroída, na qual se apóia aquele que nela também senta. O que senta permanece imóvel, não reclama, pois, o indivíduo que nela está, precisa dela como uma morada. No entanto, só o corpo cansado agora precisa de apoio.

Pé de valsa que lança o salto e flexiona o vazio, escreve no ar e finca o salto que usa. Determinando como essa marca deve ficar, solene e bem fincada, rasa e somente lembrada, como aquela brisa que entrou pela janela quando o salto aconteceu. Talvez a intenção do pé fosse de que a marca tivesse vinco, mas os participantes das cadeiras já marcadas não usam os seus pés e ficam imóveis. Será que seus pés estavam pelas cabeças?

Assim como a bananeira se planta com o corpo, salto e impulso pelo pé com o corpo, mas agora o suporte de sustentação é a mão, como aqueles que andam com os pés pela cabeça.

Todo corpo possui uma pegada, e assim também é com as matérias vivas. O vivo deixa sempre a marca de seu pé, pois somos *vidarbos*, vida mais obras (CORAZZA; OLIVEIRA; ADÓ, 2015). Códigos que nos circundam, e que ao tempo de um passo se inscrevem em nós. Mas não pense que a marca não se aproveita do deslize para também nos marcar. Pensar que nossas biografias são em verdade biografemas, trazem todas as marcas que os pés deixam pela vida e nos torna vidas. E todas as marcas são como obras deixadas em diversos terrenos.

*

O homem só chegou a ser um ser homínideo quando, na evolução, conseguiu firmar os pés no chão e se tornar o *homo erectus*. Sem os pés não haveria o ser humano. Na evolução, ao sair da água e perder as duas patas transformadas em mãos, criou os pés e o pé se tornou a base da humanidade.

Hoje o pé para nós é raiz, tanto que no linguajar diário dizemos um pé de couve, um pé de ameixa, um pé de pêssego, porque tudo remete ao significado de pé, raiz.

Pé, raiz da humanidade, e o homem, quando é considerado inteligente, é porque soube pôr os pés no chão.



QUERER ser algo além de Aula. Fazer funcionar (HEUSER, 2016, p. 11) pela parte interna, por entre as brechas do texto, pelo que está por detrás da grafia. Ser algo que integra, assim como todos núcleos do projeto *Escrileituras*, que se tornaram matéria e formaram uma coleção de disparadores. Querer ser, sem mensagens salvacionistas ou receitas de ética, ou de política Trazer a Filosofia da Diferença como corpo presente que serve para ser operado pela transcrição em matérias que movemos pela vida, e pelo querer ser algo. Ser Aula, quer neste ou em outro tempo seja percebido, mas que seja em qualquer tempo.

Talvez quisesse que este algo também fosse outro, que operasse no outro livre, que o texto virasse *escriber livre*, como suas matérias internas, e que neste novo corpo as utilizassem. O uso é individual, singular, único, mágico e raro; as memórias são particulares e o modo de querer também muda quando se depara com outro corpo; outro querer.

Esse querer baseia-se em atitudes por meio do adquirido, lido, aceito, realocado e posicionado, agora sabendo o que se quer. Pois, ao querer não cabe apenas o desejar, são necessárias ferramentas claras; talvez saber o que se quer seja uma das tarefas mais árduas e nebulosas; dispensa trabalho. Para tudo ou quase tudo é necessário esforço: para o degrau, a dobra do joelho, a força de sustentação do corpo, o equilíbrio de parte do corpo que segue e da parte que fica por depois subir. Difere da gangorra que, entre o balanço de dois pesos, o corpo nem sempre possui mesma matéria ou proporções similares. Meio corpo equivale a 50%, no entanto

na subida da escada, a perna que se coloca no primeiro degrau equivale a mais de 70%, que necessariamente precisa distribuir e alavancar a subida dos 30%. No entanto antes que se torne 100%, os 70% já se dispuseram ao próximo, e nessa sequência até a altura final, a ser atingida conforme o número de degraus que cada escada possui. Qual está a subir? A da vida.

Assim como o próprio querer se modula conforme nos compomos, que desejos nos levam a encontrar outras subidas ou descidas? Afinal, às vezes o detalhe do bolo pode estar no topo — a cereja — mas, às vezes, como no pudim, no final — a calda — doce açúcar queimado, caramelo.

Seguir um farol, se soubermos o destino, mas não os acontecimentos entre a partida e a chegada? Precipitações, acasos, torrentes, buracos negros estiveram em muitos destinos, cada um lidou de forma particular, sendo até mesmo igual acontecimento, ou ainda, a mesma atitude para acontecimentos diferente. Cabe não só ao ser, mas também ao momento, ao acreditar em resultados pretendidos, por vezes não alcançados.

“Quando seu Tomás da bolandeira passava, amarelo, sisudo, corcunda, montado num cavalo cego, pé aqui, pé acolá” (RAMOS, 2012, p. 11), é nesse cavalo que parece, também, andar o querer, aqui e acolá. É necessário confiar naqueles que nos acompanham e muito mais naquele que nos sustenta. Tomás confiava no cavalo cego, sabia certeiraamente o querer.

Corpos diversos nos conduzem de forma também diversa, como também o farol é o mesmo, mas a caminhada do querer muda e isso porque querer é vida.

Não basta querer estar, querer seguir, pois chegar é preciso, e é parte conjuntiva do destino, que se modifica desde os motivos que nos levam pela estrada, até o seu modo de operar esse querer. Ele — o querer — não é um, é diverso. Assim como somos insaciáveis e também egoístas, pois o querer para si muda ao ver outro querer.

O outro querer não é conhecido, por vezes só visto de um ângulo que parece concluído, no entanto, pode estar sendo construído, ou ainda, nem saber se quer ou se está ali, simples-

mente. Aquilo que faz parecer ser o que o outro quer, é o olho do outro, que já tem seu querer, mas pensa no outro querer. Envergue o pescoço e pense, se talvez não seria esse o seu querer.

É disso que se trata: há quererres enumerados, listas de palavras que remetem a ideias, ou frases que remetem a desejos conseguintes ao primeiro querer, que se segue ao próximo, ou pela lista, conforme se constitui e muda. Pois como tudo é vida, querer também é mutável. Assim como já dito, “a ciência da escriteira é só uma: a da criação críptica” (HEUSER, 2016, p. 21), oculta, ali escondida, e através do ler-escrever ou do escrever-ler surge, no ato da escriteira.

Um querer constituído pelo impacto do resultado da conquista, e mesmo que depois de todas as possibilidades tenha mudado, ainda teve uma partida inicial, que em devir torna-se um novo, mas não imutável, delirante e tentacular; apenas uma só pegada que, em verdade, necessita de diversas mãos e braços que sustentem todos os desejos.

Um grupo que apoie um, que veja naquele querer a possibilidade de ser, no entanto, só com sua mão não chegará, se atrasa, se desculpa e no final necessita de outras mãos e braços, pois não aprendeu a ser só, ou ainda a deglutir tudo que engole, porque quando regurgita não se sabe onde ele está, apesar de dizer da onde veio. Ele se perde, falta-lhe a escriteira clara, vive na margem, achando que pensam igual, aliás, que disse também o que pensava e no entanto pensou sozinho, e achou que disse. Querer oculto.

O querer traz em si raras paixões, e às vezes a felicidade; a excelência desejada, a felicidade visceral, que se espera e não se torna empatia, mas vira desgosto, arrependimento, e que sossega após desapontamentos, mágoas terceiras, injevas alheias e segue querendo.

Porque empatia se acha, se acostuma, necessita compreensão do outro em ti, ele não mudará, mas o modo de ver como o é, sim.

Desgosto, como gosto ou esgoto? Seja qual o gosto, ele adentra pela boca de alguma forma e chegará a outra rima; então goste.

Arrependimento de algo ido parece tempo perdido, então vire a palheta, tente outra coisa, mesmo que seja a mesma, crie menos expectativas, veja como o outro quer ver, não como quer que ele veja.

Mágoa, veneno inútil, mata apenas um, o magoado, não o magoante. Livre-se, pois você mesmo criou ela. Queira, trabalhe, siga o percurso, fluxo, aproveite cada corredeira, desapegue daqueles que se entulham na curva do rio.

*

Querer é ambicionar algo que se pode realizar. Querer é possuir algo que se deseja e ama, querer é saber, é ter poder de chegar ao conhecimento, à saúde, ao bem-estar, ao prazer, à vida, e a única coisa que não se quer é a morte. O resto é sempre querer, desejar, realizar, fazer e obter.



RASTELAR pelo direito de ver o chão, o piso bruto, o chão batido; pelo merecimento de ver a criação, a base sobre a qual devemos garimpar, com ou sem rastelo, mas com força. Não aquela que acaricia a cabeça, a força da comichão na pele, que rasga e sangra, e apesar da dor, alivia. Para ser o que limpa, o que abre com os dentes, desagrupa, e também o que suja conforme compõe as sobras de onde rastela. Sobras inúmeras, sem se importar se nelas vieram também a base, o húmus, ou se, por sorte, uniu-se à terra e se impregnou de tal maneira, que agora de dois se fez um, e assim segue, sobras todas contaminadas.

Às vezes, até a alma damos como garantia, esquecendo de que nosso rastelo tem vãos entre seus dentes, e por ali escapam matérias que deixamos de perceber. Deixamos de ver aquela no fim da sala, no canto da quina da porta, que entreaberta não mostra a sombra atrás da parede; nos perdemos nas idas da letra e do retorno. O fio da teia se perde entre nossos dedos e o pó do giz que leva o caminho da morada ao outro lado da sala; a aranha segue.

O dente do rastelo leva aquilo que deveria ficar no chão e seguir conforme a folha vai ao vento, talvez de comum acordo com o querer dela própria. Tomar pela mão o cabo do rastelo, determinar o curso a ser feito, pôr em ação, dentes entreabertos, porque o texto também o é. Existem respiros, vãos, que na entrada do ar fazem a chama levantar, despertar.

Estriar o suporte, abrir linhas, com ou sem rastros. É necessário, na leitura do texto, ver por entre as coisas, porque o rastelo está no mesmo passo da mão que carrega a

letra e o olho que a decifra. E, talvez, espremer a linha, torcer a folha, espremer a tinta e dela ainda construir escrituleiramente, com formas já ditas e criadas, e que agora, tomadas pelo rastelo do outro, vazam outras cifras.

Vã é a confiança na purificação, já que rastelar também embaralha, cria embrulhos do querer, dos dejetos; todos ocupam o plano da vida. Rastelar limpa e suja, deslocando, e este deslocar vira monte não espalhado. Às vezes, O rastelo não basta, as matérias precisam do ar para que respirem a vida e para que sirvam de condução para ela.

É preciso deixar, às vezes, de rastelar. Assim como Zéfiro, após raptar Flora, precisa deixar de ser vento oeste, já que Flora é primavera e sua vida a deixaria pela força do vento oeste. Assim, ele vira brisa. Aquele que leva a amada no colo e conduz Vênus até a margem. Quem, senão dois enamorados a trazerem a deusa do amor?

Rastelar não é um ato, são vários, desde mudar, tirar, agrupar, empilhar, e desses atos gerar outros feitos, que também necessitam de outros serviços do rastelo. Tomar pela força do escrituleitar, re-rastelar, esquecer o modo do verbo subjuntivo, pretérito imperfeito, afinal ele naturalmente se tornará passado. Re-agrupa, torna a pilha nova, troca da hora, outra linha escrita, troca da tinta, da cor da folha, muda o que vê. Que fantasia? Sonha? Re-escreve, base daquilo que acha que sonha, ou ainda escreve entre sono. Sonhos, vívidos pela noite, esquecidos pela manhã.

Rastelo 1: ferramenta para coletar folhas. Essas em suas mãos. As mesmas que folheia. Cuidado! Não use sua boca, mas é necessário molhar o dedo para ir para a próxima página. Não sei quais outros dedos por aqui também passaram, e tampouco o que deixaram em seus rastros.

Rastelo 2: dar acabamento ao texto, que agora seus olhos percorrem, seu tino — que líquidos cabem em sua cabeça? Bate com ele? Com a ideia que tens sobre o texto que os olhos agora rastelam. Com este texto? Ou outro? A diversidade aqui está. Preferiria outro? De que forma e tamanho?

Breve, sinuoso, dos rodeios do romance ou das frases diretas? Sem dó, nem piedade. Depende de qual rastelo queres usar. O que é oferecido hoje pode trazer apenas esse de agora, e se ainda percorre as linhas, talvez o acabamento tenha sido de alguma forma proveitoso.

Recortes do texto seriam a Aula do rastelo, o rasgo, a nova entrada permitida por ele. Talvez o dito pela mão que usa a linha como figura, não como letra. Uma espiral, uma reta, pontos, agulhas e linhas que tecem a nova leitura, depois do rasgo da Aula-rastelo, depois da escrita-leitura ou leitura-escrita, escritileitura.

O rastelo, embora signifique rastelar, tirar o resto, é uma arma que foi usada desde o princípio das civilizações. Primeiro, por medo, o homem rastelou os céus e criou do barulho do trovão, da luz do raio, um deus, que àqueles punia, caso afrontassem Tupã.

Os sábios físicos rastelavam os céus e criavam as leis: gravidade, rotação, translação. Até hoje Einstein, Hawking, rastelam o universo. Chegaram à bomba atômica, ao buraco negro, rastelando o princípio do fim. O alfa e o Ômega do mundo.

Os pesquisadores rastelam a crosta terrestre procurando os fósseis que contam a história do ser humano. Os pedagogos rastelam o pensamento dos antigos para criar novos métodos para educação. O rastelo é um princípio na atual filosofia da reciclagem, em que separamos o orgânico e inorgânico, e deles tiramos energia, força e luz.



UPERAR aquilo que vai de reverso, pela contramão da minha mão, aquilo que Auleia e que a Auleira observa. Por qual trajeto da linha do quadro segue aquele olhar? Pelo do sabor, da cor que seu lápis faz na folha, em linha preta sobre fundo branco? Ou pela linha mais escura do grafite que usam ao seu lado? Está mais próximo, está ao lado, assim dois desconhecidos se encontram e se admiram, lado a lado.

Sendo ele infantil, não pode expressar a sua tradução dos cartazes Auleiros que poluem ou povoam sua imaginação? Flutue, abra a frente, o deixe passar. Eles foram feitos pelas mesmas mãos que rejeitam e que desejam superar. Então, este modo de escrita não é a superação do cartaz Auleiro? Também, na Aula, se permite até contemplar, porque de um outro modo foi trazido pela transluciferação (CORAZZA, 2012), aquela do iniciante alfabetizado, que conhecendo o S e sabendo que deseja o supermercado, lê no logo da loja de suplementos, e diz: É aqui! Aqui tem S! É o supermercado. Inocente, infantil, mas tradutor do S, porque se chama Samuel.

Superou a ordem e fez o não pedido, nesse trecho do tempo perdeu a necessidade de seguir o ditado, se perdeu nas memórias que quer guardar (ideias já prontas, ouvidas ou contadas), e que ali também estavam, mas não eram usadas pela detentora do dito (neste espaço do tempo se livre que somos também pode ser o detentor o observador, aqui o que Auleia), e já que ali viviam, ter vida em outro.

Vida minúscula que usa a metamorfose (a sala vira ônibus, a cadeira vira assento, o primeiro lugar vira motorista e o segundo passageiro), tranquila e audaciosa, onde medo não lhe tem morada. Foi antropófago (engoliu o espaço da Aula e a criou como morada da imaginação, traduziu, e como peixe viu no chão a maré e escorregou pela cadeira, encontrando o mar), deglutiu e criou outra matéria (RODRIGUES, 2013).

Uniu-se a ela com um corpo refeito pela antropofagia das letras. Ainda não une o que as letras formam: as palavras em frase. Não pelo escrito, mas pelo dito, seu discurso é claro e vívido. Flameja e alvoroça, causa risos e espanto de clareza por linhas que foram pensadas transversalmente. Pelo infantil que ainda se faz vivo, brincar de morada, estender o lençol sobre a cadeira que vira arrimo, dormir na barraca, ver no teto da sala clara as estrelas da noite que sonha.

No mesmo compasso que toca o sino, e que tudo se perde ao correr até a mochila, carregar nas costas, atravessar a porta, voar de braço aberto pelo corredor e saltar como sapo na porta da saída. Recupera o fôlego e agora vira filho, não Auleia, até que hora? Até sentar no próximo banco e dele virar remador, timoneiro das ideias próprias.

*

Nietzsche (2011), ao criar o super-homem já traduz tudo que foi dito sobre superação. Hoje vivemos e educamos na era dos super-heróis. Com o medo que tomou conta da humanidade com a criação das armas atômicas, o homem atual precisou criar entidades capazes de nos livrar do fim, e foi assim que surgiram os heróis que hoje poluem o mundo e fazem a mentalidade dos jovens: Superman, Hulk, Homem-Aranha, Mulher-Maravilha, os seres que atualmente fazem parte do vivo da nossa infância e juventude. Todos querem ser superiores em alguma coisa e todo ser humano é capaz de ser superior em alguma coisa que não é.



TEMPO de ser, de vir, de passado, do agora, do que virá. Mal sabem que todos caminham ao mesmo passo, assim enquanto aguardamos o vir, sem perceber, estamos no agora. Tempo que imaginamos o que seria no virá.

Ainda corremos, pensamos no passado e em tudo que nos dedicamos, pelos cifrões, pelas ausências dos outros, já que nos doávamos pelo desejo de estar em um futuro que chegou. Não soubemos trabalhar com ele, sempre a lhe pregar peças, sustos, tropeços e arrancar de tapetes.

O tempo é poeira voaceira, é um pau-santo que por vezes queima e outras esfumaça ao sentir um novo ar. Diferre do aroma dos outros incensos já sentidos, não se aproxima dos que povoam nossas lembranças.

Tempo da ampulheta, corre com a areia, suga e es-corra. Pensamos que diversas viradas trariam o que pedimos pelo tempo das obrigações, agora corre, parece que já estamos no passado e os demais desfrutam o futuro já conquistado há tempos.

Tempo ébrio de realidades transversas, do côncavo ao convexo; ainda restou-lhe algo, mesmo que curto, tempo de uma Aula, desejava duas. Não sabe quantos minutos ainda a aguentarão, não se sabe em quantas horas desejarão que retorne.

O tempo eterno não está no céu, está no inferno, entre chamas. A paz eterna vive entre os terrenos, em outros tempos, estes são protegidos pelos já passados e cuidam do que agora acontece; dizem ser os verdadeiros *grimoires*, feiticeiro

da Aula, transversa o tempo, cria parada, respiro e chama; provoca o que pensa, mostra a gravura e pede o texto. Conta a história e pede o teatro. Este é o fato: pedir, sugerir, provocar, vir a fazer juntos.

Tempos vagos, necessários, que ocorrem entre brumas e águas turvas, de onde surgem os girinos e as libélulas. Assim como o tempo de escrever, de escriler e escriler-se. Mesmo esse tempo de escriler-se, se verdadeiro, precisa de sete dias; muitos levam mais de setecentos e trinta e ainda não constroem. Tentam, a solavancos, pobres linhas, ricas se o ano for bissexto, se ampulheta emperrar e, em vez de vários, o gargalo pigarreie e lance grão a grão.

Depois do dispêndio, que tudo desapareça em três tempos (AQUINO; CORAZZA, 2011).

Tornar um rengueiro coletivo, uma renga extraída em Aula, no tempo dela, não fora; em grupo, não único, coletivo. Exercício de *Kusari Renga* (canto interligado). Aula de 04 de janeiro de 2008, e a *Auleira*, Sandra Mara Corazza. Nova prática de escrita: para entrar vivo na morte, deixe os mortos enterrarem os mortos e trabalhe, enquanto ainda tem luz. Autores: participantes do seminário 2008/01.

NOITES DE JUNHO

1.
noite de junho
carneiros de algodão
rolam no campo
2.
oh lua brilhante
desce a ladeira
3.
tudo abaixo
inclinação
tem que correr
- 4.

com a brisa
ele caminha
5.
na praia
olho no mar
sinto frio
6.
vapor da boca
aquece concha das mãos
7.
noite estrelada
alma gélida
pulsa
8.
na areia fina
doce gemido
9.
coração no mar
partido ao meio
um vazio em cada mão
10.
sabor nos dedos
bulício no colo
11.
canção de espuma
carícia no cabelo
olho a fechar
12.
pó de estrelas
apagam pegadas
13.
lua de inverno
desaparece
calor de verão
14.
aumenta o sabor
das frutas silvestres
15.

luz suculenta

aqueça

seu fogo

16.

chama desperta

desejo palpável

17.

flor de pequi
esparrama o cheiro

tudo amarelo

18.

balanço do ipê

gato no galho

19.

som das asas
pássaros na grama

salta o felino

20.

coça o queixo

mão escreve

21.

o dia amanhece
jardim e palavras

insetos e letras

22.

papeis amassados

cadeira inquietas

23.

instante de silêncio
passos quentes na escada

sorriso frio

24.

murmúrio ao fundo

calor no corpo

25.

não sem ouvir
ainda com alguma roupa
mordida no peito

26.
a noite se repete
cabelos na mão

27.
soleira da porta
compõe despedida abrupta
o cão ladra lá fora

28.
tristeza no olhar –
parte solitário

29.
verde embranquecido
como marca no céu
soa nota isolada

30.
no acaso do tempo
o poeta assobia

31.
pula nas pedras
rola nas folhas
joga amarelinhas

32.
foram folhas finadas
gosto

33.
sem destino
umedece dedos
num copo de uísque

34.
a taberna –
gira gira gira

35.
vidros floridos
refletem traços –
ilusões perdidas

36.
pra Pasárgada?
com os carneiros foi pro nada

*

Tempo uma palavra ingrata que nos absorve, que faz com que todos digam: não tenho tempo. Sem saber o que é o tempo. Talvez uma convenção humana para explicar a época em que estamos vivendo: tempo presente (o agora), passado (o ontem), futuro (o amanhã). Apenas uma convenção humana, porque se levarmos em conta a natureza, o tempo não existe. A árvore tem época para florescer e frutificar. O animal não tem hoje ou amanhã, tem existência. O sol é atemporal, ele só mudará quando queimar, explodir. A terra forma o tempo em relação a dois fenômenos, rotação e translação. No que te toma o tempo?



M diário, nada fácil de ser construído, tampouco de ser visto; muitos desejam anonimato, silenciosos segredos, outros, apesar de abertos aos olhos, são indecifráveis, ou não.

Frida Kahlo, biografema vivo em linha com palavras ou sem elas, traços vivos de um diário vivo.

Hilda Hilst, provocadora, inelegível ou censurável para aqueles que não leem tempos.

Diários inomináveis — conhecidos e desconhecidos, famosos ou na sombra, desejáveis dos autores — carregam, além de tinta, papel e cheiros, dores e alegrias, medos e desejos. Já os diários de classe também são possíveis de estar nessa categoria, no entanto, trazem poucos resumos de conteúdo desenvolvidos, e não seus resultados, poéticos talvez. Registros sem nomes ou frases autorais das conversas em Aula.

Vagas pela fonte corrente de ideias que tramitam recortes de Aulas incompletas. Completude que se constrói pelo próximo ponto da linha, do próximo topo da página, da próxima clareza do verbo.

Diário, do diariamente feito, por vezes em prosa, por vezes em verso. Ritmo próprio do carregador da pena, da tinta que usa da curva e que dá pensamento explícito ou preso à sombra, já que nem tudo deve estar às claras.

Não foram criados para serem seguidos, somente para serem sentidos. Apesar de haver o diário, também chamado de espelho da turma, que diz claramente qual cadeira cada um ocupa (mas não diz o que cada um carrega, não na mochila ou na mão, mas no pensamento). Aquele que pensa

sozinho enquanto a mão segue com o olho à linha do quadro negro. Arquivos presos. Cárceres secretos. Passos do esquecido. Fazer ver a liberdade, abrir o texto, desvelar o arquivo, romper as grades, lembrar-se dos rastros, lógica de cada tempo, cada um a seu passo. Sua própria autonomia, do gesto (DINARTE, 2018), da lógica de cada tempo, o tempo do ser necessário, o necessário a cada um. Autonomia que nasce antes da submissão.

As leituras desses diários são conexões necessárias entre diário e leituras, arquivo dos outros que remodelam os nossos ou se espalham pelo ar depois de amassados. Não servem a mim, nem aos outros, e cabe a quem decidir? A quem lê, ao que escreve, ao que arquiva? A decisão de tomada cabe dentro daquele, no que faz daquilo que recebe.

O diário seria também a tese? Talvez a dissertação? Sim, são arquivos de vida, da leitura e escrita, do seu estilo de escrita, e nele contido um núcleo de vida íntima e suas relações com os diversos arquivos, seus e dos outros. Talvez nele esteja contida a resposta da pergunta já ouvida: qual a tese da sua tese? Por onde está a prateleira que o guarda, o arquivo que fez criar a dissertação ou a tese, artigo, o livro, capítulo? Estaria na gaveta da escrivaninha? Poucas salas ainda as têm, as escrivaninhas. No entanto os arquivos todos existem, e o que lhes dá vida é o seu uso, e quem com ele lida necessita vampirizar, obsediar, recriar, escrileiturar. Barthes (2004) questiona se pode fazer do diário uma obra.

*

Diário nada mais é do que a narração da vaidade de quem escreve. Os fazedores de diário são pessoas que pensam que são imortais. Nada na vida de alguém justifica a gravação de seus atos cotidianos, ninguém tem interesse na vida de ninguém. Os diários servem como jornais que são diários para dar notícias e conhecimentos. O diário é biográfico e só escreve a sua biografia o vaidoso que não quer morrer.



Vaga pela lembrança

Vou ler, e quem sabe... escreva algumas linhas.

Diria que você é ímpar, mas todos são. Somos diferentes e lindos tanto quanto!

Verdade, verdade? Leio e invejo... não conjugo os predicados, não conecto o verbo com o sujeito, deixo sempre implícito tudo, o verbo, o predicado e o sujeito oculto.

Vigiando sempre a próxima frase, eu também diria isso, vigiando o próximo parágrafo. Eu também teria esta ideia, vigiando a troca da página, que título perfeito e sobre o imperfeito vigio.

Vagão de trilho de ferro, que carrega em suas cargas quantidades de experiências trocadas e tantas outras guardadas. Poucas guardadas como o vento, que solto corre pelo mundo e a palavra de sua boca salta livre.

Vigia dia e noite, vigia sem cansar, vigia. Vigia porque tem medo, não por ela ir, mas por não poder ver o último suspiro. Então vigia sempre, mesmo sabendo que ela irá.

Vento norte, vento mitológico, vento forte, vento negro, e de medo, por amor a ela, também virou, trocou de lado, virou brisa, mesmo sendo também vento, mas ameno.

Vai comigo ou não vá, se vai, venha, mas se não queres, fique aí.

Se vier, venha com tudo, não quero partes, nem pedaços, tampouco frações. Venha forte, destrua, só assim talvez possa reconstruir, e mesmo que construa igual, sei que, de início, será mesma coisa, porém até o fim poderei mudar várias vezes.

De vez em vez, de vem em quando, será que basta? Venha de vez, assim é melhor. Venha e sente, não vou preparar o chá, trago fel, quero que fique pela vida que vamos fazer. Vida feita pela vida de outros dois, terceira vida, que também se une a outra, e que outra também surge, aqui não. A vida veio e irá, somente irá, não terá nova vida. Morrer também é saber viver, até que essa que persegue a todos chegará. Venha morrer comigo, morte.

*

A letra V tem significado quando significa vida, quando significa vitória, quando significa vigiar, cuidar para viver melhor, quando significa vir a procura de saber e de cultura. No mais a letra V é apenas mais uma no alfabeto, vulgar e sem valor.



XERETA, troca sempre de lado. Ontem, quando trocou, sem cuidado algum com a cadeira que sentava, girou rápido e com do braço feito de metal, rasgou o laqueado branco do gaveteiro. Ficou marcado, marcas de amor, ele girou porque queria outra ponta, outro lápis, outra cor, nova folha, outro tipo de suporte:

— Queria outra caneta, Tia! Aquela que é lisa, aquela que escorrega.

Sim, ele é xereta. Às vezes me incomoda, mas depois vejo que é como eu, tem sede de tudo, quer tudo e tudo junto. Às vezes tão rápido, que quando começa não termina, porque já teve outra ideia. Mas aí faltam braços, troca de mão, é canhoto, depois da avó, só ele, todas as outras crias são destras, porém acho que todos são xeretas.

Isso! Incomoda! Xeretear sem pedir é terrível, sem modos, mas se modos tivesse não seria xeretear, seria pedir, e aqui pedir não é aceito, se aceito fosse, não seria xeretear.

E a irmã, tão pequena, não parece que xeretrará. Se xeretar, será ainda mais xereteira, ela é aprendiz. Já a vi usando a mesma mão, a esquerda. Ou era a direita? Mas usava, tinha lápis e papel, as garatuja já povoam seu mundo. Uma forma de dizer, de xeretar.

Não é o momento de colocar as garatuja da xeretinha, serão usadas quando ela disser o que sua xeretic quer ou pretende. Pouco xereteia, na verdade xereteia, berra xeretiando, fome de xeretar. Mas basta dar-lhe de comer que logo cala.

Já ele, não cala. Continua a xeretar, por isso talvez a menor seja ainda pior, tem modelo de xeretices, muitos modelos, vários modos de xeretejar povoam as duas cabeças, porque é própria desta cepa. Então a segunda xereta veio a se aperfeiçoar com os modelos do maior que serve de exemplo para as xeretices que poucos têm a destreza de xeretejar.

Outros galhos que surgiram da mesma cepa também xereteiam, mas as formas são diversas. As que me aproximam ficam pelas linhas, pelo ponto, pelo traço. As xeretas que vieram do outro galho xereteiam a paciência, provocam chatices repetidas, na verdade nem sei se xereteiam, porque se xeretam não sei que modos usam. Ainda assim, para mim são chatices, porque não criam, não trazem nada para a vida, só a provocam e não produzem.

Talvez pensem o mesmo do galho de onde vem meus xeretas e pensem que são chatices, mas tenho convicção que aqui os xeretas produzem vida, e já as mostram nas garatujas e até no modo como elas giram.

*

Xereta é a palavra que descreve a todos nós. Todos somos xeretas, curiosos, queremos sempre pôr o bedelho em tudo e em todos, e o pior, a humanidade é xereta e fuxiqueira. O xereta cria a fofoca, parte essencial da vida diária. É na sala de Aula, o xereta é útil porque ele serve como pivô para novos momentos, explicações, e para dar à Aula uma nova dimensão.



UNIR do fim, zigoto que um dia foi. E no que nos tornamos?

Estágio anterior do embrião, forma primeira da união de dois distintos, óvulo único e diversos espermatozoides, para que um apenas tenha a causalidade de entrar e acertadamente, através do caminho que segue, depois de expelido, e com propulsão suficiente de percorrer o trajeto necessário até a união de dois e gerar um.

Fases que seguem e ânimos que mudam, mas iniciados pelo zigoto. Então, mesmo que nomes novos lhe caibam (sendo primeiramente zigoto), que seja também possível deixá-lo assim nomeado, caso queira, ele que é vida.

Uma vida em que 23 pares se uniram por 46 cromossomos. Assim, por que não podemos dizer que saiu a cara do pai ou da mãe? Porque ele é 50% de cada, e 100% amor. Independentemente de seu gênero, um ser que buscará a construção de sujeito pensante, de quem é, do que deseja ser, e por onde tudo inicia e passa, pela Aula.

E mesmo entre números e porcentagens, não estão necessariamente na área da matemática. Ciência seria a que estudaria a fecundação, enquanto a filosofia definiria o que é ser, o que deseja ser, e ainda a arte usa as proporções desde Mondrian e a sua caminhada do figurativo ao abstrato, influenciando Theo Van Doesburg em suas fórmulas matemáticas e a criação da tridimensionalidade na bidimensionalidade.

Estudado pela arquitetura, e todos estiveram em Aula, esta que não tem tempo, nem morada, tampouco donatário. Desse composto podemos denominar as matérias que vivem em Aula.

Desses filhos, zigotos vários, distribuídos através das junções textuais da Coleção Escreleituras, matérias vivas de embriões coletivos entre artigos, desta vida, vidas textuais, matérias das letras, que se adentram pelo texto produzido e se abrem em linhas.

As linhas abertas, até agora, são tentativas de rasgo. Busca do que gerou este movimento escrito entre arquivos da aula, para se produzir além, tentando unir e reunir matérias de abecedários da linha. Aula cheia, educação da diferença, dicionário das ideias feitas, novos textos e arranjos, a partir de outras matérias que se unem pelo abecedário da aula. Isso é o que se pretende partindo do A ao verbete Z: rasgar e adentrar, gerando outro texto.

Um apelo aos vivos: coragem não é não ter medo, é estar com ele. Coragem para ler os Auleios do abecedário das escreleituras. Uma coragem que vem do coração, ato de agir, cor(agem). E por outros prefixos ou sufixos, ancorar em qualquer porto por medo da maré, e por enfrentamento do que está em terra. Coragem, por todos os acrósticos que podem promover o apelo a vida, pelo medo ou pelo coração.

Sempre é preciso a si mesmo vigiar.

Desaprender e largar a bagagem. Sacuda toda bagagem que te fizeram vestir.

*

Aula é uma ação de escrita, entre a vida e a morte.

Brande quando necessário, cala-te sempre.

Corrija e depois corrija. Captura instantânea do sujeito — que escreve e lê.

Desapegue, desprenda, deixe ir. Dizer o que não se pode dizer: toda Aula tende a isso.

É isso! É exatamente isso! A interpretação faz dizer: não é bem assim. Futilidade, a dificuldade do mundo: consciente, adquirida e voluntária.

Gesto, enfática verdade, do gesto nas grandes circunstâncias da vida.

Hesitação: quando a anotação perdeu força, esquece o sentido.

Inelegível, pensado, e escrito desconexo; pensar que dito está e não está.

Joguete difere de jogo, e mesmo como jogo, não significa que um vença e outro perca.

Leis astrais entram pela Aula e pelo texto, já que entram pela vida.

Marés altas e baixas, não importa, é necessário remar.

Naquilo que lemos não é o que é, sempre há sombra, e dela posso fazer meu discurso.

O que desencadeia um único comentário possível: o tilt.

Primeiro momento, o da tolice.

Qualquer fragmento que tenha dado certo ou errado, está na Aula.

Ruptura da Aula, braço erguido, dúvida solene, resposta que retorna como pergunta.

Segundo momento, o da inquietação.

Terceiro estado, a letra, ou a volta da letra; possibilidade atingida com a tradução.

Um acontecimento produz misturas de emoções: tristeza, nostalgia, amor.

Vaga lembrança também traz matérias. Tente içar.

X, ou morte x amor, eles existem ao mesmo tempo. X, versus, contra.

Zona do inotável, *multum*, poesia haikai, o efêmero, o fim, como o Z.

ASSIM, EM IMPETUOSA OBSCURIDADE, ÚLTIM(A)ÇÕES



verdade é singular, as versões são inverdades, mas dentre tantas singularidades, qual seria a da verdade e como aqui foi escrito, dito e lido, da Aula?

Algum fim, uma conclusão, tudo que foi feito, por onde e andou? A que caminhos chegaram e o que concluíram?

Apenas ser um início, aquilo que a muitos parece um fim, uma graduação, uma pós, um curso, é um início seja qual está a se percorrer. Muitos que apenas necessitam decifrar a letra, aqui sejam possíveis delimitar um início.

A partir dali, da leitura, partimos a desvendar o que nos cerca e a deixar de próprio punho o que desejamos, talvez seja essa a maior arma contra qualquer um e a mais fácil a ser escondida, caso possamos frear ímpetos.

Aula, aquela que nos persegue, a todo canto, pelo direito, pelo esquerdo, pelas costas e pela frente, por cima e por baixo e também pelo ido e pelo vindo. Anjos não podem mais ser chamados a este convívio, duvidamos que ainda possuam penas, ainda pelo grito de qual método? Do “a” ao “z” tão óbvio. Do “a” ao “u” porque formas de pares diferenciados e possíveis são esquecidos? Pensar o que não se torna fatídico em ler, corrigir aquilo que nos parece claro e que aos olhos de outro está enviesado, troca dos sujeitos, pronomes, pontuações, adjetivos, escrita que necessita de releitura, que fere quando mudada a muitas letras, que clareia com raspagens.

Aula, este instante atemporal, não da forma cronológica, mas do tempo individual, do momento, do instante particular, que cabe a uns e a outros não, e cabe, porém, em outro momento, de outro modo.

Aulas em estudo para uma nova carreira, estudo árduo, prova primeira, ao topo, exames psicotécnicos, diário oficial, ao efetivo exercício negado, desculpa erramos a vaga, a professora desta aula seria outra.

Aula de dizer que falhamos, erramos o trecho, calculamos mal o tempo, ultrapassamos os limites possíveis de aceites. E ainda a finalizar um texto avaliado a diversas mãos, duvide daqueles que só concordarem, duvide mais ainda daqueles que muito elogiarem; talvez os que concordem calados compreendam que podem existir meios erros, os que elogiaram não veem nem os erros completos.



Erro, uma das verdades possíveis da Aula. Erros diversos empilhados pela tábua que serve de mesa, por parte do método, do tema, do tipo de texto, não convergente com a linha da diferença.

Entramos pelo abecedário de aula, pela Aula, porque dela vivemos, caminhamos, dormimos e respiramos, dentre tantos outros erros, pensava que a tinha, hoje sei que partilhamos, pensava que dominava, hoje sabemos que libertamos ou, ainda que esteja liberta. Aceitamos esta condição sem donatário.

Erro que faz gritar, bradar, um monólogo em aguaceiro, sem plateia, sem testemunha ou registro qualquer possível. Pelo erro acabamos nos tornando espectadores das correções possíveis mesmo que entremos, posteriormente, antemão a primeira leitura ou escritura, acreditando que tudo era nada e que na verdade aquilo tudo deveria ter uma forma, uma coluna, um pé direito, um sustentáculo e não um novo começo.

Erramos e sempre como a um navio, um novo mapa, mesmo sem norte, já que antes de tudo, qual método? Qual tema?

Erramos por esquecer o que se ama, pelo que se escolheu dar a vida, como seguimos por ela, se ainda a segui

mos e se aqui estamos, nela, a Aula, é porque sempre houve amor, nada a menos.

Escrita de alfabetos, dicionários, abecedários, que forma terá o texto sobre a Aula?

Erro, sem correção, mas uma nova linha de posição, sou auleira e dela me torno professora, é a Aula o pé direito da compreensão sobre o que pudermos conceber.

Erro pela tediosa correção mecânica, no entanto estruturada do onde está ele? O erro? Parece que o percebendo aquela que errou achou outra dita verdade singular. É necessário às vezes entrar pelo erro para encontrar a porta da aula, o cerne.

Entre enganações 24 meses, em torno de 96 semanas, 730 dias, 17.520 horas, foram tomados a supetões, como aquele que se gera necessita de 9 meses, precisou desta gestação, mais que o dobro, uma raiz quadrada incompleta entre enganações, de quem acha que escreve, engana aqueles que pouco leem, e se desespera quando não basta mais a pedra para alcançar a estrela, a água já está entre as narinas mesmo a sobressalto. E foi desta forma.



nicar com todas as vozes juntas.

Inicia com uma voz diferente, sussurrando por aí, espiando no escuro, lamentos de ancestrais que gritam nossa história. Há biografemas nesta escrita? Há.

Inicia desde o ventre até nossa morte. Tudo está ligado.

Impetra concedida, dos papais aos da orientadora.

Impelidos a elencar seria desta forma:

1º que segredo guarda este lugar que poucos ocupam, chamados de orientandos

2º é sensato que matariam outro por este lugar?

3º o que faço “Eu” aqui neste agora?

Inicia, não por uma tentativa, mas pela enésima tentativa que agora começa a ter base, nenhuma fundação que suportasse um pilar de vários andares, mas alguns como

dos, um sótão, um porão, e todo restante entre estes dois, EIS e AICE.

Blocos, seguindo a posição de currículo onde ocupar Espaços, fazer Imagens e visualizar Signos, surgindo a unidade EIS. Propondo ainda que em educação a presença intensa de uma matéria, ou seja, quatro conceitos: Autor, Infantil, Currículo e Educador, formando a unidade AICE, didática.

Ingrata, se assim fosse, dar-me-ia um tiro em minha própria boca, um suicídio, calado, escuro, no ermo. Um ato corajoso, já que despende uma certa organização, não se tratando de covarde. Nunca resoluto.

Inflexão necessária, incerta da chegada a tempo próprio e breve, para anteontem. Daquela que necessita do punho, da folha e da letra. Sem ela, não tem punho e tampouco necessidade da folha, letra morta.

Inércia da vergonha de tudo que passou e que dali nada levou. Que passou? Nada menos que vendavais, isquemias, fraturas expostas e medo. As lágrimas não pararão. Então, ergue-te, finge coragem, levanta a cabeça e encara, quem és tu? Isto!



difícil é saber até onde vai à consciência? Se a Aula, também assim como a vida e suas matérias, quando se tem a consciência do dito, do feito, quem delega se houve e quem determina se ela acaba em 45 minutos? Dois períodos? Dez minutos em 24 horas são consciência ao meio do nada, neste mar onde agora se navega.

O fácil é saber por onde anda, andou e se souber realmente onde pisou, e o que faz neste andar que vive agora contemplará de certa forma uma possível visão de um esboço de futuro.

Não é fácil, tampouco difícil, o medo das dicotomias deve sempre prevalecer. Cada perspectiva pode prevalecer um lado e cren-do ou odiando talvez estejamos do lado errado, ou certo, dicotomia.

Obra incompleta, obra inacabada, nem obra, apenas uma dissertação, falar sobre, dizer sobre o que se pensa, sobre algo que se julga conhecer.

Obra Aula, inacabada, desajustada, por qual janela a espreita? Você não, ela, a Aula, será que ri? Acreditamos que sim, pois dela tudo é, do erro até a hipótese, do acerto até a dúvida, da objetividade ao subjetivo abstrato, do único até o múltiplo.

De um auleiro ao outro, ela não escolhe, ela engendra as matérias postas, e que você as sabe, as vê, as conhece e não as domina. A Aula não se domina, a turma não se domina, tudo se compõe, a partir do que se pretende. Não do que pensa fazer de resultado final objetivado, mas de resultado possível a ser constituído, construído.

Outorgo a algum tempo minha cepa bugra, minha pátria paranaense, de pele ariana, berço fluminense e criação sulista. O que me afeiçoa? A cepa. A começar pelas largas sobranças, lábios finos e cabelo espesso, grosso e volumoso.

De empáfia a primeira olhada, de arrogante a segundo pensamento, a destruição dos castelos sobre aquela que olham sem saber do que sae entre suas salivas, assim como o verbo irregular.

Ogras também são finas, seguram a pena, cruzam as pernas e escrevem seus pensamentos.



ltimo ato.

Uma cena, entre gramas e pó, sol, brisa, suor e lápis, um tronco, desenhem uma árvore, não o que povoa o pensamento, hoje quero a que está a sua frente.

Um ato, o que povoa seus pensamentos? Desenhem a última árvore que sonharam, a minha era de ameixa do mato, não havia frutos, mas as folhas provavam minhas certezas, em sonhos não me lembro de ter dúvidas.

Um fato, quem disse? Perdão, não é necessário, é fato? E se for o que muda neste último suspiro que lhe cabe?

Feche os olhos, cerre a boca, inspire e expire, abra os olhos,
morda os lábios, tenha calafrios, ninguém disse que acabou.

Um dito, Salamandras povoam as Aulas.

Um fim, que seja breve, feliz e um novo degrau, se-
não apenas uma pedra.

REFERÊNCIAS

ADÓ, Máximo Daniel Lamela. Prólogo. In. CORAZZA, Sandra Mara; OLIVEIRA, Marcos; ADÓ, Máximo Daniel Lamela. **Caderno de Notas 7: Biografemática na educação: vidarbos**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2015.

AQUINO, Julio Groppa; CORAZZA, Sandra Mara. **Abece-dário: educação da diferença**. Papirus. 2009.

AQUINO, Julio Groppa; CORAZZA, Sandra Mara. **Dicionário das ideias feitas em educação**. São Paulo: Autêntica, 2011.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita seguido de novos ensaios críticos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CAMPOS, Haroldo de. **Transcrição**. Organização Marcelo Tápia e Thelma Médici Nóbrega. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CAMPOS, Maria Idalina Krause de. **Alfabeto Espiritográfico: Escriteiras em Educação**. Porto Alegre, 2013. Projeto de dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

CAMPOS, Maria Idalina Krause de. **Educação da diferença com Paul Valéry: método spiritográfico**. Porto Alegre: UFRGS, 2017. 194 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Tradução de Isabel de Lorenzo. São Paulo: Revista, 2000.

CORAZZA, Sandra Mara. MANIFESTO (della scriteitura cannibale). In: CORAZZA, Sandra Mara. **Os cantos de Furo-ror**: escriteitura em filosofia-educação. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2008, p. 21-47.

CORAZZA, Sandra Mara. O docente da diferença. **Periferia**, Rio de Janeiro, v. 1 n. 1, p. 91-110, jan /jun. 2009.

CORAZZA, Sandra Mara (Org.). **Caderno de Notas 3**: Didaticário de criação: aula cheia. Coleção Escriteituras. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2012.

CORAZZA, Sandra Mara. Ensaio sobre EIS AICE: proposição e estratégia para pesquisar em educação. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 31, n. 61, p. 233-262, jan./abr. 2017.

CORAZZA, Sandra Mara. Inventário de procedimentos didáticos de tradução: teoria, pratica e métodos de pesquisa. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 01-23, 2018.

CORAZZA, Sandra Mara. **50 Teses sobre Escriteitura**. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1kNDwQEJegJht6tQ4OQOfo1Eqa01TjgBk/view>>. Acesso em: 09 Mai. 2019.

CORAZZA, Sandra Mara; OLIVEIRA, Marcos; ADÓ, Máximo Daniel Lamela (Orgs.). **Caderno de Notas 7**: Biografemática na educação: vidarbos. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2015.

DALAROSA, Patrícia Cardinale. Escriteituras: um modo de escrever em meio à vida: Observatório da Educação/CAPES/INEP. In: HEUSER, Ester Maria Dreher (Org.) **Caderno de Notas 1**: projetos, notas & ressonâncias. Cuiabá: EdUFMT, 2011, p. 15-29.

DELEUZE, Gilles; Claire Parnet. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>>. Acesso em: 15 mai., 2019.

DINARTE, Luiz Daniel Rodrigues. **O congresso**: tradução sinalética do gesto. Porto Alegre: UFRGS, 2018. 257 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

DINIZ, Cristiano (org.). **Entrevistas com Hilda Hilst**. São Paulo: Editora Azul, 2013.

DUNCAN, Zélia. **Alma**. Rio de Janeiro: Universal Music, 2005. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CkmIbjr1n0>> Acesso em: 15 Mai 2019.

HEUSER, Ester Maria Dreher (Org.). **Caderno de Notas 1**: projeto, notas & ressonâncias. Cuiabá: Ed UFMT, 2011.

HEUSER, Ester Maria Dreher (Org.). **Caderno de Notas 8**: ética e filosofia política em meio a diferença e ao escrituras. Cascavel: Ed. UNIOESTE, 2016.

HILST, Hilda. **Estar sendo. Ter sido**. São Paulo: Ed. Globo, 2006.

KAHLO, Frida. **O diário de Frida Kahlo**: um retrato íntimo. Tradução de Mário Pontes. São Paulo: Editora José Olympio, 2015.

MEIRELES, Cecília. **Obra em prosa**: volume 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1998

MONTE, Marisa. **A Sua**. Rio de Janeiro: EMI Music Brasil, 2001. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NpIanaBFVXE>>. Acesso em: 15 Mai 2019.

NICOLAY, Deniz Alcione. Para ler um texto didático. In. CO-RAZZA. Sandra Mara. **Caderno de Notas 3**: Didaticário de criação: aula cheia. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2012, p. 36-38.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. Tradução de Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução de Mario Ferreira dos Santos. Porto Alegre: Editora Vozes, 2011.

NIETZSCHE e o Eterno Devir: Viva o melhor possível e, só então, morra. **Netmundi.org**, 2019. Disponível em: < <http://www.netmundi.org/filosofia/2013/nietzsche-e-o-eterno-devir-viva-o-melhor-possivel-e-so-entaomorra/>> Acesso em: 09 Mai. 2019.

NODARI, Karen Elisabete Rosa. Pelos traços do impensado da escola. In. CORAZZA, Sandra Mara. **Fantasia da Escrita: filosofia, educação, literatura**. Porto Alegre, Sulina, 2010, p. 74-80.

RAMIL, Vitor. **Joquin**. São Paulo: EMI Odeon Brazil, 1987. Disponível em: < <https://play.google.com/music/preview/Tflayyabc7n4qskjlt3gumtav7e?play=1>>. Acesso em: 15 Mai 2019.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: Editora Mor, 2012.

RODRIGUES, Carla Gonçalves. **Caderno de notas 5**: Oficinas de Escrita. Pelotas: UFPel, 2013.

VALÉRY, Paul. **Alfabeto**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

YALOM, Irvin D. **A cura de Schopenhauer**. Tradução de Beatriz Horta. Rio de Janeiro: Ed. Harpercollins, 2016.



Projeto gráfico, diagramação e revisão: Fabiano Neu.

Imagem da capa: *Monogram of the entire Alphabet*, por Charles Demengeot.

Capitulares: *Renaissance Style Cloister Alphabet*, por William Morris.